

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE
CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

CLÁUDIO OLIVEIRA DA GAMA

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE
CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

CLÁUDIO OLIVEIRA DA GAMA

Sob a Orientação da Professora

Amparo Villa Cupolillo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ

Outubro de 2016

371.8

G184i

T

Gama, Cláudio Oliveira da, 1985-

A influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do ensino médio / Cláudio Oliveira da Gama - 2016.

73 f.: il.

Orientador: Amparo Villa Cupolillo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 57-61.

1. Estudantes do ensino médio - Atitudes - Teses. 2. Imagem corporal em adolescentes - Teses. 3. Autoaceitação em adolescentes - Teses. 4. Identidade (Psicologia) em adolescentes - Teses. 5. O Contemporâneo - Teses. 6. Ensino agrícola - Teses. I. Cupolillo, Amparo Villa, 1950-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

CLÁUDIO OLIVEIRA DA GAMA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**,
no Programa de Pós-Graduação Agrícola, Área de concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: ____/____/____

Profª. Dra. Amparo Villa Cupolillo – **Orientadora**
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro– UFRRJ

Profª. Dra. Nádia Maria Pereira de Souza
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os queridos que me auxiliaram nessa jornada pela busca infinita do conhecimento. Aos meus pais Wanda e Luiz, meus irmãos Gláucio e Luiz; Meu sobrinho Luiz Felipe, e, em especial, minha amada tia Mercedes (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade impar da vida, pela vivência do conhecimento, pela força de fazer não desistir nunca, de lutar até o fim.

A minha querida amiga, mestra, conselheira, orientadora, educadora e professora Amparo. Que contribuiu muito pelo que me tornei profissionalmente na vida. Pelas reuniões de rico aprendizado, pelas orientações coletivas, pelas aulas, pelos estágios, convivência, diálogos e carinhos de sempre.

As instituições UFRRJ, UFF, UERJ, UGF, UFRJ, UAB e FIOCRUZ representados pelos Professores que passaram pela minha vida, pelos ensinamentos ao longo do meu percurso acadêmico.

Ao PPGEA pelo apoio na trajetória de ensino, aos mestres que depositaram um pouco de suas valiosas sabedorias, a direção, coordenação, secretária, pessoal de apoio, pessoas que fazem muito pela educação do país.

Aos companheiros de curso pelas agradáveis semanas de formação, parcerias de aprendizado e trocas de saberes.

Aos alunos do CTUR que participaram ativamente da pesquisa pelo acolhimento e valiosas contribuições.

Aos gestores e companheiros de trabalho das instituições que trabalhei durante o percurso do curso, pelo incentivo, apoio e amizade que me motivaram seguir adiante.

Ao meu estimado amigo Rocindes Berriel, pela parceria, irmandade e por me acompanhar neste caminho do conhecimento.

Ao meu irmão Gláucio pela parceria de vida. Pela busca incessante em galgar um futuro que possa ser leve, prazeroso e que ajude a quem amamos.

Aos membros das bancas, professores Marcelo, Marta e Nádia, pelo incentivo, leitura atenta e preciosas contribuições.

À minha família e amigos, que souberam lidar com os anos de ausência, pelo apoio incondicional e manifestações públicas de orgulho e carinho.

À todos, faço por vocês!

RESUMO

GAMA, Cláudio Oliveira da. **A Influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do Ensino Médio**. 2016. 73p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

O presente trabalho de dissertação analisou as consequências dos estereótipos de corpo na constituição de identidades de adolescentes, estudantes do Ensino Médio do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Para esta investigação, foram feitas análises de obras e artigos de autores contemporâneos que tratam da temática de corpo no Brasil, além de uma pesquisa de campo envolvendo nove alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Técnico da UFRRJ, utilizando, para coleta de dados, a metodologia do Grupo Focal. O corpo durante anos, em comparação aos dias atuais, foi pouco explorado como instrumento do poder. Atualmente, figura como símbolo chave das relações sociais. Com a promessa de um corpo que pode atrair para si fama, respeito e admiração, caso cumpra-se requisitos das cartilhas da moda, há uma intensa obsessão pela sua conquista. Nesse cenário foi discutido o fenômeno do culto ao corpo na atualidade e suas implicações no cotidiano dos pesquisados. Dados coletados mostraram que o grupo apresenta preocupações com sua estética e as atrelam ao sucesso e ao prazer. Versaram sobre o preconceito contra o corpo que não se adequa aos quesitos da moda. Relataram sobre *bullying* e o julgamento atrelado a aparência nas rodas sociais. Os entrevistados demonstraram buscar seu espaço na moda e a aprovação dos outros. O grupo também mostrou consciência da importância dos exercícios físicos como fator de promoção de saúde, mas também identificaram a sua relação com a aquisição do corpo de sucesso. Como resultante, observamos que a exposição do corpo no cotidiano tem se revertido em um bem de consumo, que, convidado ao espetáculo, se vê tentado pelas instâncias do poder a seguir as cartilhas da moda. Sem dúvidas, o interesse pelo corpo do sucesso se tornou objetivo importante na era moderna e deixa poucas saídas para se pensar em um futuro autônomo do corpo.

Palavras chave: Corpo, Aparência, Consumismo, Contemporaneidade.

ABSTRACT

GAMA, Claudio Oliveira of. **The Influence of Body contemporary standards for High School students.** 2016. 73p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ 2016.

This dissertation aims to analyze the consequences of body stereotypes in the formation of adolescent identities, high school students from the Technical College of the Rural Federal University of Rio de Janeiro. For this research, analyzes were made of books and articles of contemporary authors who treat the body theme in Brazil, and a field survey involving nine students of the third year of high school of the Technical College of UFRRJ using for data collection , the methodology of the Focus Group. The body for years in comparison to today, was little explored as power tool currently figure is as a key symbol of social relations. With the promise of a body that can attract to you fame, respect and admiration, if it meets to requirements of the fashion booklets, there is an intense obsession with his conquest. In this scenario discussed the cult phenomenon to the body today and its implications in the surveyed daily. Data collected showed that the group has concerns with its aesthetic and atrelam to success and pleasure. They were about prejudice against the body that does not fit the fashion questions. They reported on bullying and judgment linked to appearance in the social wheels. The respondents were seeking their place in fashion and the approval of others. The group also showed awareness of the importance of exercise as health promoting factor, but also identified its relationship with the acquisition of successful body. As a result, we found that the body's exposure in daily life has been reversed in a consumer good, which invited the show, you are tempted by the organs of power to follow the fashion brochures. No doubt, interest in the success of the body has become an important goal in the modern era and leaves few outlets to think of an autonomous body future.

Key words: Body, Appearance, Consumerism, Contemporaneity.

LISTA DE SIGLAS

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública

CTUR – Colégio Técnico da Rural

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

EM – Ensino Médio

GF – Grupo Focal

GF-1 – Grupo focal aluno 1

GF-2 – Grupo focal aluno 2

GF-3 – Grupo focal aluno 3

GF-4 – Grupo focal aluno 4

GF-5 – Grupo focal aluno 5

GF-6 – Grupo focal aluno 6

GF-7 – Grupo focal aluno 7

GF-8 – Grupo focal aluno 8

GF-9 – Grupo focal aluno 9

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Entrada principal do CTUR.	33
Figura 2: Sala de aula durante momento de instruções para o grupo focal.....	33
Figura 3: Realização do grupo focal: Mediador e alunos.....	34
Figura 4: Caio castro (ator – 26 anos)	71
Figura 5: Reinaldo Gianechini (ator e modelo – 43 anos)	71
Figura 6: Cristiano Ronaldo (jogador de futebol internacional – 30 anos).....	72
Figura 7: Paola oliveira (atriz – 33 anos)	72
Figura 8: Taís Araújo (atriz -37 anos).....	73
Figura 9: Mikaela Reis (atriz e modelo internacional – 27 anos)	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CAPITULO I OS CORPOS DA CONTEMPORANEIDADE.....	7
2.1. Poder, disciplina e corpo numa visão Foucaultiana	7
2.2. O que se inaugura de novo nas sociedades.....	10
2.3. Corpo padrão ideal: do saudável ao “sarado”	14
2.4. O corpo do “eu” e do outro.....	17
3. CAPITULO II O CORPO, SUBJETIVIDADE E SUAS FERRAMENTAS DE SUBMISSÃO.....	20
3.1. As problemáticas do corpo: condenados?	20
3.2. Sentidos e significados dos exercícios físicos	23
3.3. A fama, desejos e seus elos com o corpo	25
3.4. Concepções de saúde e beleza na fabricação dos corpos do sucesso	27
4. METODOLOGIA.....	29
4.1. Natureza da pesquisa qualitativa	29
4.2. Procedimentos e instrumentos utilizados do grupo focal	31
4.3. Delimitação da Área de Pesquisa e escolha do local.....	32
4.4. Sujeitos da pesquisa.....	34
4.5. Esquema para realização do Grupo Focal	34
4.6. Esquema do método de investigação.....	35
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.....	36
QUESTÃO CHAVE I - DESEJOS NA ESTÉTICA CORPORAL.....	37
1 - Considerando a afirmativa de que existe na atualidade um “modelo” de corpo, vocês concordam? Se sim, quais atributos o compõem?.....	37
2 - Como percebem seus corpos? Dentro dessa lógica de corpo que acabaram de construir, estão muito longe, muito perto?	38
3 - Quais cuidados realizam ou realizariam nos seus corpos? Se não realizam, por quê? ..	38
.....	38
QUESTÃO CHAVE II - SAÚDE OU DOENÇA: O CORPO COMO INSTRUMENTO ENRAIZADO DE SIGNIFICADOS	41
1 - Quais sacrifícios fariam para ter o corpo perfeito (dietas, procedimentos estéticos, atividade física, academia de ginástica, etc.).....	41
2 - Como vocês relacionam esse modelo de “corpo perfeito” com a questão da saúde? Estão em sincronia?.....	43
QUESTÃO CHAVE III - BELEZA CORPORAL E SUA RELAÇÃO COM O CONVÍVIO SOCIAL	46
1 - Já presenciaram ou sofreram atos preconceituosos/ <i>bullying</i> relacionados ao tipo físico?	46
2 - Vocês acham que ter um “corpo ideal” favorece as relações sociais? Como?	48
QUESTÃO CHAVE IV– EXERCÍCIOS FÍSICOS E SEUS OBJETIVOS NA PRÁTICA REGULAR	50
1- Vocês praticam exercícios físicos regularmente? Com quais objetivos?	50

QUESTÃO CHAVE V - IMPRESSÕES FINAIS, COMENTÁRIOS E PONTOS IMPORTANTES NÃO ABORDADOS NA VISÃO DOS ESTUDANTES.....	51
1 - Debate Livre.....	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
8. APÊNDICE	62
APÊNDICE A- ROTEIRO DE DEBATE NORTEADOR DO GRUPO FOCAL.....	62
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO	63
APÊNDICE C - CARTA DE ANUÊNCIA.....	64
APÊNDICE D-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	66
APÊNDICE E – RECOMENDAÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO .	68
APÊNDICE F – ASSINATURA DE ANUÊNCIA.....	68
9. ANEXOS	71
ANEXO A: MODELOS MASCULINOS E FEMININOS CITADOS PELO GRUPO FOCAL	71

1. INTRODUÇÃO

Os estudos com a temática de corpo e o gosto pela pesquisa surgiram em minha vida durante minha formação na UFRRJ (2006-2010), onde fui bastante atuante academicamente, participando de dois Programas de Iniciação Científica (ambos sob fomento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), intitulados: *Em busca do Corpo ideal, modelando gestos, atitudes e comportamentos*, vinculado ao projeto *O Método genealógico de Foucault e o diagnóstico filosófico da Modernidade*, sob orientação do Professor Pós-Doutor Luiz Celso Pinho (ICHS–UFRRJ); *Caracterização da Educação Física Escolar nas Escolas Municipais de Seropédica: formação de professores, propostas curriculares, práticas pedagógicas* sob orientação da Professora Doutora Amparo Villa Cupolillo (DTPE-IE-UFRRJ).

Naquela época (2009), algo me dizia (intuição talvez) que os estudos não terminariam com o término das pesquisas de iniciação. Contudo, ao sair da UFRRJ, fui cursar Odontologia na UERJ. Naquele momento, acabei adiando o sonho de ir para o Mestrado. Todavia, surgiu, em 2011 a proposta de ingresso no curso de especialização em Gênero e Sexualidade (2011) no Instituto de Medicina Social – UERJ, onde tive contato com temas relacionados aos sistemas de regulação social, fato que rendeu um trabalho final de curso em que relatei Gênero e Sexualidade com minha investida filosófica do corpo, em Foucault.

Pronto, era o que precisava para retomar com tema corpo, já que o TCC era uma proposta inicial de projeto de Mestrado. Assim, o sonho ganhou mais força. O que me fez, após concluir o curso de Odontologia (2014), iniciar, no mesmo ano, o curso de Mestrado, retomando uma parceria de anos, com minha amiga, professora e eterna orientadora Amparo Villa Cupolillo dando início a uma proposta em que relaciono discussões teóricas sobre os caminhos que o corpo vem trilhando na contemporaneidade com uma pesquisa qualitativa envolvendo estudantes do ensino médio.

Início as discussões prosseguindo com a linha de pensamento de Michel Foucault (2004) que considera um dos grandes instrumentos do poder nas sociedades contemporâneas o uso e a disseminação da ideia de normalidade, ou seja, quanto mais um indivíduo se parece com os demais, mais estará inserido no quadro de aceitação social, já que diante de uma série de mecanismos disciplinares nos tornamos, para ele, sujeitos e ao mesmo tempo assujeitados. Esses mecanismos que uniformizam os indivíduos estão presentes em todas as esferas da vida (individual, grupal e social) e logo encontram-se “no centro do jogo social, propiciando a decadência de formas de interação já cristalizadas e a ascensão de novas formas” (SOUZA, 2004, p.65).

Os exercícios físicos, como práticas próprias das culturas com enraizamento nos ditames sociais, contribuem com a perpetuação de uma tipologia corpórea, na medida em que, como instrumentos disciplinares e normatizadores do corpo, podem simbolizar um desses mecanismos de padronização do corpo e, conseqüentemente, dos sujeitos. Paralelo aos exercícios físicos e na posição de aliada aos seus fins, porém, também sendo um dos instrumentos de assujeitamento, a indústria farmacêutica com fins estéticos parece contribuir para a ilusão do “corpo perfeito”, já que ao mesmo tempo em que nos oferece opções intermináveis de drogas e produtos alimentícios industrializados, coloca-nos na fila agonizante de um doente crônico cultural culminando no corpo dopado pela dependência aos produtos. Esse fenômeno contemporâneo agrega um conjunto de rituais, exige disciplina dos adeptos, impõem intensa série de privações, além de mobilizar tempo e dinheiro àqueles que perseguem o "corpo perfeito". Nada é obstáculo para quem deseja fazer parte de um grupo seleto de indivíduos ditos “sarados”. Tudo isso se faz por conta de uma desregulação tão penosa como vergonhosa: a inadequação corporal e a busca insana por uma adequação padronizada.

Por outro lado, no diálogo dos corpos, a cultura do corpo contemporâneo ultrapassa valores que podem ou parecem estar pré-estabelecidos. Para Daolio (2001) a cultura é um fenômeno plural e público na mediação do indivíduo com outros indivíduos, manipulando padrões de significados que só fazem sentido num contexto específico.

Ao ser constituída como parte do indivíduo nas suas trocas sociais, a cultura representa através de códigos, crenças e costumes – identidades que dialogam num processo dinâmico de redes de interações que expressam significados em seu meio. Manifestações do cotidiano como um simples olhar, por exemplo, revelam significados que podem ou não gerar interpretações que vão além do que se vigora, já que, segundo Goldenberg e Ramos (2002, p. 20) “significados atribuídos pelos indivíduos a aparência e a forma física, no processo de revelação de suas identidades parecem inflacionados”, talvez por conta dessa tentativa de padronizar um tipo de corpo.

A padronização na forma de pensar, no agir, nos gostos e desgostos já vem nos corpos ao longo dos anos, influenciando “suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos” (SANT'ANNA, 2004, p. 4), através de uma cultura que identifica, julga e reconhece as pessoas “a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar” (Ibid., p. 19).

Diante de tais características culturais, a figura do homem parece ser percebida além de um símbolo, que, caso seja e cumpra os requisitos preestabelecidos viram referências a mercê do poder. Como aparenta ir além de uma simbologia, também representa significados constituídos nas múltiplas redes sociais, incluindo relações de poder, já que apresentam, julgam e são julgados de maneira exageradamente visível, sendo até mesmo considerada, uma possível “obra de arte, mas uma obra de arte específica pessoal, íntima, feita sob medida” (MALYSSE, 2002, p. 133).

Ser ou parecer igual aos demais não é um fenômeno propriamente novo, contudo, o corpo atualmente entra em uma posição de destaque ao ter na sua modelagem um caráter de perfeccionismo que só pode ser alcançado através da busca incessante por exercícios físicos e outros artifícios que confirmam o mesmo caráter, qual seja, a busca por uma padronização de corpo.

Assim, ao desvendar as relações de poder no âmbito das práticas sobre o corpo, podemos talvez investir na criação de novas maneiras de interação entre os seres, de novas possibilidades de ser e de construção subjetiva, não necessariamente moldadas apenas pelas normas instituídas de padronização e disciplinarização do corpo.

Sem questionarmos os instrumentos de controle, torna-se improvável criar novos estilos de vida, pautados pela ética do bom senso, liberdade e autonomia. Para tanto, é de grande importância trazer temáticas que discutem o caminho que a cultura do corpo tem tomado ao longo dos anos e para onde este modelo de corpo irá apontar no futuro. Corpo este que é, em alguns casos, manuseado como meio para fins considerados nobres no cotidiano, que valorizam além de conquistas materiais, trabalho, beleza e rendimento.

Em busca de questionamentos sobre os mecanismos de controle, podemos encontrar no pensador Michel Foucault, através de sua análise genealógica, como se instauram e funcionam os mecanismos disciplinares nas sociedades modernas. Esses mecanismos caracterizam-se por tornar os gestos dos indivíduos cada vez mais eficientes através de um controle permanente e calculado. O corpo, percebido nessa ótica, é situado como objeto (e instrumento) de manipulação do poder, que precisa ser controlado para ser e permanecer produtivo. Daí a afirmativa do Filósofo francês de que “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 2004, p 130). Logo, o indivíduo aparece, ao mesmo tempo, como produtor e produto desse poder: “o indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ideológica da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama disciplina” (Ibid., 2004, p. 172).

Essa realidade fabricada, citada por Foucault, aparenta criar desejos e ideais de felicidade que se conectam aos indivíduos ativos em relação à prática regular de exercícios físicos, aqui entendidos como qualquer prática física e atividade esportiva. O que revela ser um importante ponto de partida para pensarmos os impactos dos modelos de corpo nos jovens, já que sugere emergir como necessidade de um ideal humano que atualmente se traduz em propostas sobre estilos de vida ativos e saudáveis.

O culto ao corpo tem se tornado contundente fenômeno contemporâneo. Tal fato se dá relacionado a ação intermitente e maciça dos meios de informação, já que nos sistemas atuais “o poder apoia-se de forma crescente nos códigos que regulam o fluxo de informação” (MELUCCI, 1996, p. 6). Atrelado a essa tendência de regulação social ganham vida novos valores, surgem crenças e mitos que são vistos em imagens que parecem ignorar o fato do corpo ser composto de carne e que são alcançados por meio da busca incessante da superação de limites, que, somado a recursos como tecnologia e ciência, apresentam possibilidades ainda desconhecidas para o limite do homem. A busca pelo corpo perfeito carrega multidões que nomeiam os que adquirem tais padrões de corpos como verdadeiros heróis, e daí, por trás do heroísmo, veiculam-se a ideia de que “para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p.27).

Seguindo fielmente os heróis e se adequando as cartilhas da boa forma, os sujeitos são levados à reprodução da imagem do chamado corpo do sucesso. Para estudiosos da área da saúde é sabido que alguns praticantes de exercícios físicos passam por uma série de sacrifícios e abusos contra seus corpos a fim de atingir sua melhor marca, e muitos chegam até a fazer uso de medicamentos proibidos.

Couto (2009, p. 52) explica que o doping frequentemente é aliado de atletas nas mais honradas e populares competições, o que nos sugere ser representativamente o símbolo extremo de uma “sociedade dopada”, obcecada pelo autoaperfeiçoamento físico e mental, dedicada ao rendimento, às experiências sensoriais e à ideia de felicidade total. Para o autor, a dopagem seria uma manifestação da cultura hiperconsumidora que acha por bem medicalizar os hábitos da vida. Afirma ainda que a medicalização se tornou uma prótese da existência, a sagração da vida sem transtornos, ao mesmo tempo em que o superconsumo de psicotrópicos traduz a fragilidade do indivíduo e da própria felicidade que só se sustenta com mais uma dose. O que é reforçado por Sabino (2002, p. 142) ao citar que a “imposição” sociocultural da forma física tem levado ao surgimento de um novo tipo de consumo de novas drogas e ao fortalecimento da indústria da manutenção da forma”.

Ao pensarmos nos estereótipos criados sobre os corpos, percebemos que, com o passar dos anos, o mesmo têm sofrido sucessivas mudanças. Na busca por atenderem as exigências da moda que vão emergindo necessitam criar modelos para circularem livremente na sociedade, assim, caem em modelos de exclusão (quando não atinge ao modelo esperado) e mutação (quando apresentam necessidade de mudanças e adequações).

Corroboramos com as ideias de Ferreira (2011, p. 2374), ao afirmar que o conhecimento ou a produção de conceitos e discursos acerca do corpo “pode agir como fator simultaneamente de manutenção de um determinado conjunto de ideias ou, ao contrário, introduzir ideias que levam à transformação”. Fator que supostamente nos sugere um caminho para pensamentos contra hegemônicos que nos desobrigam ao enquadramento a um corpo modelo seja através da manutenção do corpo, quando se está satisfeito com o que se espera dele, ou até nas mudanças, quando se pretende criar novos modelos de aceitação.

Seja na manutenção ou nas mudanças dos corpos, os indivíduos em nossa cultura frequentemente passam por diferentes mecanismos de agressão ao corpo. As marcas corporais na atualidade têm tanta importância que é possível ocorrer situações de preconceitos relacionados ao processo de envelhecimento do corpo que considerem os indivíduos impuros,

imperfeitos e condenados à degradação. Como fuga a finitude e buscando prolongar seu prazo de validade: “o corpo no registro sem fim e acelerado das sensações, rende-se progressivamente à tutela farmacológica e, sem ela, muitas pessoas já não sabem como se comportar, agir e reagir diante dos acontecimentos e dos desejos frustrados” (COUTO, 2009, p. 50).

O curioso é que o doping frequentemente “é uma atitude banal na vida de milhares de pessoas, pois o entorpecimento se tornou uma maneira de se adequar aos desafios da vida no capitalismo” (Ibid., 2009, p.45). Em sua origem o termo refere-se a forma de burlar eventos esportivos. No entanto, esse termo tem sido utilizado também como forma de manifestar qualidades superiores às de um indivíduo considerado normal (saudável). Mesmo sendo considerado um problema de saúde, ainda se observa “o crescimento do uso do doping para fazer frente às exigências de sempre maiores rendimentos” (BRACHT, 1997, p.107), o que nos remete a pensar que o objetivo não é saúde e sim beleza e performance. Atualmente “com os cosméticos e a maquiagem, a cirurgia estética, os exercícios de manutenção do corpo, os artifícios da elegância, não há mais desculpas para estar ‘fora de forma’” (GOLDENBERG, 2002, p. 09), o que já atribui julgamentos e sentimentos de culpa aos que não se enquadram ao modelo de corpo.

De modo abrangente, os corpos estão à mostra como nunca, provocando com isso desejos, inquietudes, sensações, dos mais altos aos mais baixos estratos sociais, encarnando nas aparências o valor e o real sentido da sua proposta, implementando resultantes “que se dão por meio do controle, da submissão e, paradoxalmente, também do aumento da potência do corpo” (ALBINO; VAZ, 2008, p. 201).

Aprofundando as formas de se pensar os corpos na contemporaneidade, percebemos a formação de estereótipos acompanhando mudanças nas formas de se expressar. Assim, Carrara (2010, B, p. 55) considera que “corpos femininos e masculinos são constantemente (re)construídos e fabricados” por ferramentas como a arte, pensadas sob a perspectiva de um culto ao corpo. Com isso: “há um imperativo moral de nossos tempos que se expressa como imperativo estético: ou nos colocamos como corpos, pois somos corpos, ou não temos espaços na sociedade” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 13).

Todas as sociedades já tiveram seus modelos de corpo e de beleza. Tal fenômeno não se apresenta como novidade, muito menos como uma invenção. No entanto, a novidade moderna e, aprofundada na contemporaneidade, diz respeito à reinvenção dos corpos surgindo com um formato que realoca o lugar ocupado pelo corpo. Atualmente é ele quem informa a personalidade, o caráter, a inteligência, etc., como se a subjetividade estivesse na aparência corporal, já que “o corpo torna-se uma metáfora da sociedade, encarnando as desigualdades sociais de acesso às construções corporais” (MALYSSE, 2002, p. 103). Percebemos que o preconceito contra o corpo que não se adéqua às exigências da boa forma está presente atualmente mais do que em qualquer outra época, sendo os corpos apontados e até considerados culpados por não se adequarem aos padrões, como nos mostra Goldenberg e Ramos (2002, p. 30): “A gordura surge como inimiga número um da ‘boa forma’, quase uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo ‘sarado’, ícone da ‘cultura da malhação’”. O corpo que sofre a ação negativa do não enquadramento poderia, então, ser considerado como precursor da necessidade de um novo corpo, aquele que nega a gordura e exalta a musculatura.

Contudo, ao refletirmos sobre os corpos, percebemos uma mudança interessante nos modos de julgar os excluídos. Com a ideologia do “você consegue”, “todos podem ter o corpo que desejam”, percebemos uma realocação do papel do corpo defeituoso, que outrora era visto como sem jeito. Atualmente existe uma aceitação e certo incentivo para os que não apresentam um tipo físico considerado belo. Nesse formato o corpo deficiente precisa (e deve) ser reparado; empregando a ideologia do esforço para a “cura” e, com isso, a conquista de um

corpo que cumpre as exigências da boa forma, “nos tempos contemporâneos, ampliamos a compreensão do corpo como peça manipulável e continuamos o processo de análise sobre ele” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 11).

Essa ideia do corpo perfeito como uma máquina, implementada pelos mecanismos de controle, tal como nos alerta Michel Foucault, nos leva a refletir nas formas em que o corpo é explorado, como na comercialização do corpo, por exemplo, que para ser produtivo (útil) precisa ser másculo e ter vinculação com formas divulgadas em revistas que exaltam a boa forma. Assim sendo, se tudo no corpo é hoje “amplamente comercializado, onde está o limite?” (SOARES, 2001, p. 125). Já que nos dias de hoje percebemos seu papel impar de veículo publicitário que gera altos lucros para as indústrias da beleza.

Usam-no, oportunamente, para a aquisição de conquistas como riqueza, manipulação de ideais e formatos de modelos de vida: “para ter um corpo perfeito, basta ter força de vontade” (MALYSSE, 2002, p. 102). Contudo, seria possível assumir de vez o controle individual das vontades, através de uma postura que quebre as normas disciplinares que formatam o corpo ao uniforme? As possibilidades são discutidas e tornam-se cada vez mais conhecidas pelos indivíduos, permitindo, assim, ampliar o repertório de respostas possíveis. Resta saber o mundo que queremos.

O destaque ao corpo se vê frequentemente associado às formas exibidas no campo da beleza e da boa forma uma vez que “enquanto a forma física é alçada a novo objeto de adoração da sociedade de consumo, o corpo, enquanto conteúdo torna-se um mero objeto de troca monetária” (SABINO, 2002, p. 157). Logo, cada vez mais impregnada pelo espetáculo e pelas sensações, a obsessão pela perfeição da forma física parece apresentar-se como um modelo único e universal, concentrando as atenções da população como um todo, que se traduz em uma atmosfera sócio-cultural que estimula a ostentação de atributos como beleza, saúde, longevidade e “boa forma”.

De acordo com os mencionados requisitos de ostentação e obsessão, a procura pelos benefícios que o corpo ideal poderia propiciar exige habilidade de autocontrole, o domínio de si mesmo (através do conhecimento de suas potencialidades) e de sua aparência física. As ações e as formas de exposição são ditadas em “manuais da boa forma” que são expostos em destaque pela mídia e difundidos de forma imensurável. O que faz com que a exigência pelo corpo perfeito, que outrora era requisito para ser um astro da mídia acabe “atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 26).

Tendo como premissa a vontade dos indivíduos pela posse de um corpo que traga consigo resultantes de inúmeras qualidades e potencialidades, o presente estudo buscou investigar o impacto dos modelos contemporâneos de corpo, divulgados especialmente pelas mídias, e suas relações com as concepções de saúde e beleza dos alunos do último ano do Ensino Médio do Colégio Técnico da Rural (CTUR). A perspectiva de partida para a pesquisa baseou-se no seguinte questionamento: Até que ponto esse grupo de indivíduos está interessado em fazer parte do seletivo grupo que exhibe o “corpo da moda” ou o corpo de “sucesso” e quais os impactos desse interesse?

O trabalho está estruturado em dois capítulos iniciais, onde constam apontamentos respaldados pelos autores utilizados na pesquisa. Em seguida um capítulo de apresentação da metodologia utilizada, seguido de outro de análise e interpretação dos dados obtidos pela utilização do instrumento metodológico grupo focal e as considerações finais.

Abrindo o primeiro capítulo (I), intitulado: *Os corpos da contemporaneidade*, buscamos realizar uma discussão acerca do processo atual que tornou a influência dos corpos para a sociedade algo tão grandioso.

Ao longo do capítulo provocamos indagações, como as do subtítulo 1 “poder, disciplina e corpo numa visão foucaultiana” onde pretendemos trazer a perspectiva do poder e

disciplina teorizada por Michel Foucault para tentar justificar o ocorrido com o corpo nas sociedades modernas. Corpo que passa a ser alvo do poder para tornar as massas submissas e domesticadas.

Já no tópico 2 trouxemos o tópico “o que se inaugura de novo nas sociedades”, em que constatamos, após remontar ao século XVII, que vivemos numa era em que o corpo belo é visto como bem de maior valor nas sociedades, deixando-nos poucas saídas para pensar em alguma hipótese de resistência.

Da mesma forma no tópico 3 que versa sobre “corpo padrão ideal: do saudável ao sarado”, em que podemos observar como o corpo considerado referência ideal e obrigatória pelos indivíduos apresenta incoerências na sua característica. A evolução de um corpo que sob prerrogativas do saudável apresenta características do corpo sarado, mas que nem sempre tem saúde em sua composição.

E por fim, fechando o capítulo apresentamos o subitem “o corpo do “eu” e do outro. Aqui procuramos problematizar a necessidade deste “eu” ou *self* buscar a sua individualidade, mas que nessa corrente busca, a todo instante, vê-se amarrado ao julgamento do outro que o influencia a sempre seguir modelos para ser aceito e fazer parte do corpo social.

Dando prosseguimento, no capítulo II, intitulado *o corpo, subjetividade e suas ferramentas de submissão* estabelecemos diálogos com as subjetividades que o cercam e as inúmeras ferramentas, como os exercícios físicos, saúde e beleza, que criam nele um estado de refém dos seus desejos e anseios apontando um possível estado de condenação.

Assim, no tópico 1 e abrindo o capítulo apresentamos uma interrogação para diálogo: “As problemáticas do corpo: condenados?” Nesse tópico, buscamos evidenciar os percalços que o corpo enfrenta para ser aceito, idealizando uma espécie de cadeia invisível que o aprisiona fazendo-o seguir as cartilhas da submissão.

No tópico 2, denominado: “sentidos e significados dos exercícios físicos”, trouxemos uma análise descritiva do quanto de subjetividade uma prática de exercícios físicos pode criar, através de uma ideologia de vida feliz e perfeita em torno de uma construção física de corpo.

Já no subitem 3, “fama, desejos e seus elos com o corpo” procuramos exemplificar como a indústria da moda e do entretenimento pode criar modelos perfeitos de subjetividades que vão influenciar nos desejos dos indivíduos em busca da poderosa máquina de reprodução dos corpos da fama.

Fechando o capítulo, o tópico 4, “concepções de saúde e beleza na fabricação dos corpos do sucesso” pretende desmistificar os conceitos de saúde na atualidade, que sob a justificativa de saúde e utilizando de seus conceitos, visam o alcance de uma beleza que se guia por padrões de corpos modelos.

É interessante compreendermos primeiramente o corpo contemporâneo, sua construção e características singulares que o definem para em seguida partirmos para os estudos da subjetividade por detrás da formação desses corpos, com suas inúmeras ferramentas que o submetem a servos das indústrias do consumo.

A seguir, discutimos a opção pela metodologia qualitativa da dissertação, visando uma análise de dados mais aprofundada na temática do corpo através da utilização, para coleta de dados, de um grupo focal com alunos do CTUR.

Concluída a fase de reflexão de cunho teórico e natureza metodológica, realizamos a *análise e interpretação dos dados coletados no grupo focal*. Nela buscamos relacionar os dados, segundo o ponto de vista dos entrevistados, com as ideias dos autores abordados na pesquisa.

E por fim, no tópico *considerações finais* buscamos um encerramento com apontamentos e teorias que sugerem fatos que percebemos durante a trajetória de construção da dissertação e hipóteses e prognósticos sobre o futuro do corpo.

2. CAPITULO I

OS CORPOS DA CONTEMPORANEIDADE

2.1. Poder, disciplina e corpo numa visão Foucaultiana

Pensar o corpo em Michel Foucault é antes de tudo refletir acerca de mecanismos disciplinares que controlam e regulam as sociedades ocidentais. O que para ele veio a se exercer através de formatos de poder ou de micropoderes que atuaram nos corpos de formas detalhadas e de diferentes formas.

Nas suas constatações o grande fantasma que afeta o corpo seria “a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades” (FOUCAULT, 1982, p. 145). Não existindo um consenso para definir o corpo, mas sim redes de poderes atuando sobre os corpos, criando uma falsa impressão de vontade nos indivíduos.

Com a premissa de desvendar o que há nessas relações, Foucault desenvolve uma genealogia e a nomeia como um método que visa identificar formas de poder, já que segundo o próprio autor “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder” (Ibid., p.147).

Procurando descrever as relações de poder e suas implicações sobre os corpos, prefere atuar em desvendar o que ocorre de poder nas extremidades da sociedade, no local que pra ele realmente o poder usa de táticas para alcançar seus interesses. O poder não vem apenas do Estado soberano, mas sim de todo lugar, logo, também impregnado nas relações do dia a dia. Nessas relações de poder, todos na sociedade exercem-no, pois ele é “algo que existe nas práticas sociais, efetuando-se como uma ‘máquina’ espalhada por toda a estrutura social” (DINIZ; OLIVEIRA, 2013, 147).

Em seus escritos, revela que as disciplinas são tecnologias do qual o poder faz uso para agir na ideologia do indivíduo, sendo o mesmo considerado alvo e ao mesmo tempo objeto deste poder, que seria para ele considerada como “fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 2004 p. 118).

Analisando as múltiplas formas que o poder disciplinar usa para controlar os indivíduos, todas têm em comum característica a regulação das atividades nas sociedades disciplinares. Foucault inaugura conceitos que exemplificam como se dá tal relação. São elas: o controle do tempo, elaboração temporal do ato, corpo e os gestos são postos em relação, articulação corpo-objeto e utilização exaustiva.

Controle do tempo: “as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente” (Ibid., p. 128). Com o intuito de construir um tempo útil em sua integralidade.

Elaboração temporal do ato: trata de controlar o ato em sincronia com o tempo que se tem para cumprir, numa cadência onde não se tolera falhas. Mais do que um ritmo coletivo e obrigatório, para Foucault seria como um programa, onde cada movimento determina uma direção, nesse sentido “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (Ibid., p, 129).

Corpo e gestos postos em relação: compreende um bom emprego do corpo para o bom emprego do tempo. O corpo disciplinado surge como algo capaz de causar eficiência nos gestos. Num mínimo gesto, tem-se o mínimo de energia despendida e o máximo de proveito.

Articulação corpo-objeto: articula o corpo na sua relação com os objetos que manipula. As disciplinas promovem uma “cuidadosa engrenagem entre um e outro” (Ibid., p. 130).

Utilização exaustiva: quando o “máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência” (Ibid., p. 131) a ideia central é evitar desperdícios e a perda de tempo.

O corpo perfeito dentro desta lógica do poder disciplinar acaba sendo um alvo a ser conquistado e conseqüentemente um estímulo a ser desejado. O uso do tempo para as práticas físicas, por exemplo, seu gesto eficiente na execução do movimento, a quantidade de alimento que se pode ingerir, o melhor horário para se exercitar quando se tem um tipo de vida, de trabalho, dentre outros. acabam por colocar a busca pelo corpo do sucesso na vertente do poder disciplinar problematizado por Michel Foucault, já que a normalização disciplinar demarca espaços, controla o tempo e estabelece seqüências em função do adestramento e controle.

O poder disciplinar relaciona-se ao corpo quando o mesmo o usa como “base de um gesto eficiente” (Ibid., p. 130). Para tanto utiliza como pilar atributos como punição e vigilância a fim de exercer sua influência. Em vez de procurar abordar os resultados “da atividade política no cotidiano dos indivíduos tomando como fio condutor o que há neles de mais profundo, isto é, seu psiquismo, sua alma, a analítica foucaultiana do poder se detém exclusivamente na superfície corporal” (PINHO, 2008, p. 52). Já que é no corpo que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 1982). Com essa vertente de produção de conhecimento foram postas verdades que eficazmente se tornam formas de se viver em sociedade.

O poder disciplinar para Diniz e Oliveira (2013) nasce como uma tecnologia de poder que trata o corpo do homem como uma máquina, objetivando adestrá-lo para transformá-lo em um instrumento útil aos interesses econômicos.

Pinho (2008, p. 55) considera que o ideal de conhecimento verdadeiro em nossa sociedade está ancorado na “base do projeto moderno de moldar discursos e comportamentos”. A busca dessa moldagem de discursos e comportamentos do poder engloba duas partes: a visível e a invisível. Por visível, Foucault vai chamar as instituições que servem de alicerce para que as práticas de poder se exerçam. Já a invisível seriam as formas silenciosas de atuação sobre os corpos. De resultante, temos que ambas conduzem os indivíduos para o mesmo caminho: a submissão e docilidade.

Foucault descobre pequenos, porém, eficientes mecanismos que se estendem de modo presente e permanente em todos os momentos de nossas vidas, corroborando para a invenção de um corpo que não só cumpre as exigências do poder mas que deseja fazer parte das táticas que culminam na supressão de tais necessidades.

Atualmente vivemos com uma atuação positiva do poder sobre os corpos “positiva, aqui, não quer dizer ‘menos dolorosa’, mas que, em vez de anular o corpo, colocou-o sob exposição de condições que potencializaram suas forças” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 99). Foucault (2004) considera até elegância da disciplina, dispensar uma relação custosa e violenta como outrora era tida as relações de poder sobre os indivíduos.

O poder muda de mecanismos de ação à medida que a sociedade carece de transformações. A principal delas, para o filósofo, ocorre quando o poder deixa de reprimir para estimular. Ao projetarmos um autocontrole das vontades com o fim da repressão e o início de uma sociedade no qual o principal direito em que se pautam as regras são os direitos humanos, o poder que parecia fraco se torna mais forte. Segundo Foucault (1982, p. 149) se o poder agisse apenas pela repressão, impedimento, ato de censura “se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil”.

Por meio de um controle calculado, minucioso e esquadrinhado o corpo deixa de resistir e passa a estimular através de condutas permanentes, inconscientes (quando se pensa

no sujeito que sofre a ação) e calculadas, baseadas em desejos e prazeres. Com isso, “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2004, 119).

Quando o poder deixa de atuar no corpo por intermédio de mecanismos de repressão, descobre que é mais fácil conquistar do que agir de forma negativa e impositiva. Ao tornar os corpos úteis e produtivos adquirem um caráter de docilidade “e tudo isso sem que seja preciso recorrer a algum tipo de excesso ou mesmo à violência explícita” (PINHO, 2008, p. 54).

Agindo de forma consentida e causando uma transformação nos modelos de corpos, chega-se ao corpo ideal. Para Foucault o corpo ideal é aquele que cumpre com as exigências do poder. Ao avaliar o poder oriundo de seus estudos de diagnose da modernidade ele apresenta condições favoráveis para um corpo útil-produtivo: “fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1982, p.147). Ao passar de uma rigidez ultrapassada de atuação do poder (repressivo) para um controle moderno, eficiente e atenuado o corpo passa a ter uma nova e importante participação na vida dos indivíduos, sendo este, um marcador de uma nova era de ação sobre o corpo. Para Sayão (2014, p. 98) “a disciplina age sobre o corpo a nível individual adestrando-o, exercitando-o, treinando-o para majorar a sua força útil e acentuar a sua docilidade”.

Diniz e Oliveira (2013, p. 150) reforçam este conceito alegando que a “disciplina é um mecanismo que propiciará uma transformação do sujeito, tirando da ‘força do corpo’ sua ‘força política’ e tornando máxima sua ‘força útil’”.

Foucault apresenta o conceito de anatomia política do corpo para descrever, segundo Ghirdelli Jr. (2008, p. 12), o “quanto aprendemos a dividir o corpo, esquadrinhá-lo para tirar dele o máximo”. Uma política que se direciona em como se ter o domínio, não somente do corpo do outro como se quer, mas também que opere como se quer, agindo num formato de fazer querer algo e no desejo de querer esse algo.

Ao disciplinar o corpo e mantê-lo assim, cria-se um estímulo positivo onde se impera que “à nova disciplina do corpo sempre traz vantagens e jamais atribulações” (COSTA, 2005, p. 194).

A disciplina apresenta um diferencial que a faz ser uma técnica de modelagem perfeita, por não visar unicamente o aumento de habilidades e nem focar exclusivamente na sujeição dos corpos. Considerada uma arte do corpo humano “a disciplina torna-se arte e técnica de compor forças para obter um aparelho eficiente” (WELLAUSEN, 2007, p. 9-10).

O principal fator que a faz ser eficaz em seus mecanismos de ação está na “formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (FOUCAULT, 2004 p. 127). Seria o que Foucault considera uma relação de docilidade-utilidade, quanto mais útil, mais dócil e vice versa. O que paralelamente satisfaz plenamente aos interesses dos mecanismos de poder. “As relações de poder penetram o corpo sem terem sido interiorizadas de maneira consciente ou racional. Trata-se de uma intencionalidade sem sujeito” (ORTEGA, 2008, p. 215).

Visando tornar o homem produtivo, as disciplinas utilizam técnicas que visam o controle do tempo, espaço e funções do corpo. Tornando o homem compactuado com essa maneira de ser e se tornar, o poder disciplinar apresenta uma relação que Foucault vai chamar de sujeição estrita, que seria uma relação em que se cria ao mesmo tempo em que aumenta as potencialidades do corpo, a sua sujeição. Com a conquista do corpo, o poder o tem para seus fins de dominação, transformando no que ele vai chamar de fabricação dos “indivíduos máquina”.

Fazendo um paralelo com a figura do soldado usado como exemplo de sujeito disciplinado para Foucault, podemos perceber que suas ideias de técnicas de modelagem

tomaram um sentido totalmente fidedigno em outros exemplos da sociedade. O conceito de culto ao corpo tornou-se importante na atualidade. Os critérios de beleza são uma marca que carrega qualidades que são mais valorizadas que a prática exercida da racionalidade. Vivemos na sociedade da aparência, em que o poder do disciplinamento corporal como forma de submissão e obediência ao perceber seu potencial utiliza seu poderio para tornar os corpos disciplinados.

Percebemos então que a aquisição de uma liberdade e conquista do corpo pelos indivíduos é negada a partir dos resultados das meticulosas formas de investimento do poder sobre o corpo. Para Ortega (2008, p. 209), lendo Foucault, temos a impressão de que estamos constantemente submetidos ao regime disciplinar de modo que “não há mais necessidade da presença da autoridade ou do especialista para que o poder se efetive transformando-se em disciplina, já que o controle acontece pela disseminação dos discursos que pautam comportamentos e regulam a vida” (SAYÃO, 2014, p. 100).

Atualmente tal constatação se comprova quando percebemos a existência de um ideal de beleza. E ainda, quando verificamos que na busca e conquista desse ideal, exige-se uma série de detalhes, formas e até sacrifícios para sua conquista. Seja atrelado à saúde ou em seu extremo associada a drogas que potencializam e prometem um corpo belo em curto prazo.

Em se tratando do regime disciplinar, em vez de se apropriar e de retirar, o poder disciplinar para o pensador tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2004, p. 143).

Considerando tais mecanismos de poder atuando e investindo no adestramento dos corpos, Sayão (2014) caracteriza duas vertentes agindo tanto na beleza quanto no bem estar: “a individual, afeita à personalidade e ao empenho de cada um, e a coletiva, fruto de um ideal tido como obrigatório” (p. 122). Em ambos os casos há atuação com os mesmos fins revelados por Foucault, como táticas positivas de controle. O coletivo que se apóia em modelos de corpos belos que servem de inspiração, e o individual que reforça o ideal de beleza, quando cria em si a necessidade e desejo em querer ter o corpo do sucesso.

O sucesso deste mecanismo se daria através de um ideal coletivo. Como forma de espelhar-se em um modelo e no esforço individual, que através das táticas disciplinares culminam em um indivíduo que faz uso do seu querer (vontade própria) corroborando com as táticas positivas de controle, reveladas por Foucault.

Diante do exposto, fica evidente a relevância dos estudos de Michel Foucault para a compreensão dos mecanismos de poder que agem e regem a sociedade. Graças a ele, se revelou eficientes mecanismos de normalização culminando na “invenção” de um tipo de corpo capaz de suprir as necessidades do aparelho produtivo” (PINHO, 2008, p. 55).

Para Michel Foucault (2004, p. 143) a disciplina “fábrica indivíduos”, logo, percebe-se de fato o interesse das organizações do cotidiano sendo cumpridas e os sujeitos cada vez mais cultuando o corpo; sempre submetidos “a normas que o transformam” (SOARES, 2001, p.109).

2.2. O que se inaugura de novo nas sociedades

Verificar o que se apresenta de novo no atual cenário contemporâneo não é tarefa das mais fáceis. Em se tratando dos corpos não é diferente. Podemos considerar que a modificação dos sentidos do que era o corpo até o que se tornou indica uma intensa metamorfose conceitual, cultural e política. Trazemos o corpo do período que consideramos o início de uma conduta diversificada até os dias atuais, em que tal diversificação chega a um extremo que não se sabe ainda que fim ou que nova forma alcançará no futuro. Pensar o corpo e pensar o mundo pela via da compreensão do corpo nos parece bastante instigante. No dizer

de Le Breton, “é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo” (LE BRETON, 1995, p. 65).

Historicamente é possível perceber que as encenações que o corpo trilhou pelos séculos passados vislumbram que o mesmo fora descoberto como objeto de poder, como um instrumento que poderia ser manipulado, modelado e treinado.

Iniciaremos no século XVII, que para Wellausen (2007, p. 5) apresentou como característica a tentativa de compreensão do pensamento e descrição da realidade como um todo. O corpo, sob este prisma, além de ser o que responde e obedece a estímulos e repressões, passou, no respectivo século, por transformações que não compreenderam “só a dimensão metafísica do corpo, como também o conjunto de técnicas e processos empíricos que controlam suas operações, centralizando na noção de ‘docilidade’ uma teoria do adestramento”. Para Foucault (2000, p. 117-118) é “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Ao apresentar características de fácil docilidade (manipulável, adestrado e produtivo), o corpo passa a ser um atrativo para a atuação dos mecanismos de controle, o que vai caracterizar uma maneira inovadora de utilizá-lo nas sociedades. Caso este corpo seja bem manejado, cumprindo as exigências e prerrogativas da lógica do adestramento, ele passa, já nesse século, a ter méritos sociais, criando o início de um culto baseado na recompensa.

No século XVIII, Vigarello (2006, p. 73) expõe como característica interessante o início de uma reflexão estética “buscando uma ‘unidade’ da beleza, uma referência mais funcional, como aquela representada pelos ‘interesses’”. Era o início de uma preocupação com o corpo belo, contudo ainda não existia um símbolo como mostruário a ser seguido, daí a necessidade de se criar uma referência futura, que vem configurada em séculos posteriores, a ser posta como modelo.

Já no século XIX surge outro elemento, que, por seu intermédio, cada sujeito tem a possibilidade de melhor dispor de si próprio através de ganhos como acesso a beleza e a liberdade de escolha. Segundo Sayão (2014, p. 115), este elemento permaneceu hegemônico por quase todo o século seguinte, sendo decisivo na configuração dos modos de relação dos sujeitos com o corpo e com padrões de beleza, que vieram “contribuir para o estabelecimento e reconhecimento de novas características estéticas: a conformação e a valorização da interioridade do indivíduo”. Diante disso, instaura-se uma obrigação: a de se responsabilizar pelos cuidados com o seu corpo e sua beleza, de inventar a si próprio.

Com o decorrer desta passagem de responsabilidade com o corpo e da instauração do autocuidado, dá-se o início da necessidade de alcance do bem estar físico atrelado ao cumprimento das exigências de beleza. No século XX, Sayão (Idem, p. 115) revela outro fato curioso: “apesar de as preocupações com o corpo, sua aparência, saúde e funcionalidade permanecerem, a forma de associar beleza e bem-estar ganha outro caráter e a maneira de se relacionar com o corpo sofre alterações”. Surgem as preocupações relacionadas à exteriorização da aparência, ou seja, como o próprio corpo é visto e interpretado pelo outro. Nasce enfim, uma instituição inédita “com o início do século XX, confirmando a visão mais unificada do embelezamento: o instituto de ‘cuidados de beleza’” (VIGARELLO, 2006, p. 139). Assim, para Sayão (2014, p. 115) a formação dos indivíduos passa a ter como constituinte a relação de exposição do seu corpo e de sua vida privada atrelados a seus aspectos corporais e de saúde. Todas passando “à visibilidade e ao olhar do outro”.

Tem-se então, além do cuidado com o corpo, a necessidade do olhar do outro, da aprovação de sua aparência adequada aos rígidos padrões de beleza definidos socialmente. Costa (2005, p. 190) considera essas invenções contemporâneas um tipo de inovação, pois:

Inventou-se um novo modelo de identidade, a bioidentidade, e uma nova forma de preocupação consigo, a bioascese, nos quais a fitness é a suprema virtude. Ser

jovem, saudável, longo e atento a forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade.

Toda felicidade apresenta um risco. Para Le Breton (2009, p. 11) o “risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra”. A forma física e como ela é mostrada ao outro, ganha o sentido de risco e felicidade ao representar desejos de cobiça por este corpo, ao passo que em alguns casos há também transtornos associados a sua busca. Constatamos ao longo da história do corpo que ele fora, no passado, considerado um depositário da alma, algo sem valor, coberto de vestes e pouco valorizado. As qualidades eram a honra, os valores morais, família e religião. Porém, na história atual o corpo passa a representar valores como beleza, forma física e fama, e estas parecem se transformar em verdadeiras obsessões.

O corpo passa por constantes e, com o evoluir de sua história, meticolosas formas de investimento, passando a responder conforme a época em que se insere, porém é no fim do século XX e início do XXI, ou seja, “no decorrer dos últimos cinquenta anos que a tentativa de tornar o corpo de cada um algo independente do patrimônio cultural e genético vem ganhando um número crescente de adeptos” (SANTANNA, 2004, p. 18).

O corpo obsessão que outrora tinha na figura do obeso, o significado de poder, honra e sinônimo de poder aquisitivo tem atualmente o inverso. A referência de obesidade nos países desenvolvidos mudou totalmente “hoje, são os pobres que são gordos e os ricos que são magros” (FISCHLER, 1995, p. 77).

Analisando o decorrer dos séculos, fica claro que investir nos corpos se tornou um grande negócio para as instâncias do poder que passaram a usá-lo como instrumento para sua dominação. O corpo passou ao longo dos séculos por significantes transformações já que “tornou-se o espaço da criação e da utopia, um contingente virgem a ser conquistado” (ORTEGA, 2008, p. 13), e no seu formato atual, é ele quem vai impulsionar a vida e as formas de vidas dos indivíduos.

Uma das muitas características da sociedade contemporânea é a importância que o corpo representa, exigindo uma busca pelo perfeccionismo, cujo “olhar sobre o corpo se enriqueceu inexoravelmente, acrescentando detalhes estéticos, indicações, palavras” (VIGARELLO, 2006, p. 103). Com o “boom” dos exercícios físicos, algumas tendências são disseminadas tanto para quem pratica, quanto para quem observa este fenômeno. Surgem também frases de incentivo como: exercite-se regularmente, seja fitness, faça dieta, não fume, não use drogas, faça sexo com preservativos. Sob prerrogativas de saúde o corpo ganha uma entonação que vai justamente no mesmo sentido da indústria do consumo.

Outra característica também relevante se dá no conceito de cuidado de si: “O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma” (COSTA, 2005, p. 190). Tal fato já fora apontado por Foucault, onde ressalta essa mudança progressiva na maneira de cuidar do corpo, passando de cuidados dispensados a alma, ao inovador cuidado sobre o corpo.

A premissa é a de qualificar e nomear os corpos como resultantes de sucesso, fruto da busca exagerada por algo que lhe torne perfeito. Evidenciando que para o alcance dos seus objetivos, nega-se o desvio as normas e impera-se o “vale tudo” pelo corpo ideal, variando desde o uso de anabolizantes, até cirurgias estéticas.

Estes modelos de fabricação do corpo são considerados segundo Carreteiro (2005) como uma das patologias narcísicas da contemporaneidade. A preocupação com o corpo chega ao extremo graças ao auxílio de ferramentas que exaltam o culto ao corpo. Até mesmo palavras de incentivo, hoje ganham entonações atreladas ao corpo, compreendendo: determinação, dedicação, disciplina, esforço, etc., considerados jargões do momento que

apresentam um potencial construtivo significativo e com muito apelo social; adjetivos morais de formas de vida utilizados para a fabricação do corpo do sucesso.

Todavia, para Costa (2005, p. 20) “se o interesse pelo corpo começa e termina nele, caímos na corpolatria” por ter como característica o conjunto de práticas em busca das verdades e autocontrole do corpo e cultuada em demasia por não considerar outras valências que não sejam a de uma aparência estereotipada e super valorizada já que “reúne semelhantes que se devotam ao mesmo culto” (MALYSSE, 2002, p. 106).

Podemos observar também algumas outras características que nomeiam a personificação do ser atual: a sua busca pela imitação e a sua necessidade por visibilidade.

A imitação, em muitos casos é considerada como um espelho da felicidade a ser seguida, além de ser tida como forma direita e correta do se viver em sociedade. Vista como qualidade em um formato novo relacionado ao corpo, ela torna-se desejada e cada vez mais inalcançada. Para Costa (2005) os indivíduos na busca de se tornarem populares e serem símbolos da admiração passam a ver o mundo através das lentes do espetáculo, culminando, através da busca pela imitação a serem incentivados a copiar estilos de vida, vestimentas e até formas de pensamento dos personagens da moda. Contudo, a imitação não pode ir longe, pois na busca de tornar o todo padronizado:

A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal. Daí nasce a obsessão pelo corpo-espetáculo (COSTA, 2005, p. 230).

O corpo espetáculo que podemos assim chamá-lo cria a necessidade de padronizarmos um tipo de aparência. E “aquilo que não sabemos inscrever na linguagem dos valores tradicionais é facilmente etiquetado de perigoso ou injurioso” (Ibid., p. 12), o que nos deixa como provável escolha o desejo de querer fazer parte de uma referência física, culminando no desinteresse por outras formas que não seja a do fitness. “Perdemos o mundo e ganhamos o corpo. O interesse pelo corpo gera o desinteresse pelo mundo; a hipertrofia muscular se traduz em atrofia social” (ORTEGA, 2008, p. 47-48).

O que outrora poderia ser visto como uma padronização eficaz de vidas perfeitas torna-se uma ideologia que nunca se realiza, pelo menos para a grande maioria. As vontades contemporâneas estão para Ortega (Ibid., p. 22) ligadas não a serviço da liberdade, mas sim a “uma vontade ressentida, serva da ciência, da causalidade, da necessidade, que constringe a liberdade de criação e elimina a espontaneidade”.

Assim, a imitação que outrora traz uma promessa de felicidade cria a idolatria e paixão pelos personagens modelos. As paixões modernas pelo risco “nascem da desordem moral que abala as sociedades ocidentais, da confusão do presente diante de um futuro imprevisível” (LE BRETON, 2009, p. 03). Na busca por reconhecimento, vale de tudo. E como as características oriundas da imitação os tornam cada vez mais iguais aos demais, ganha aquele que aparece. “Em uma sociedade em que se impera a regra do ver e ser visto, a estética substitui a ética e a moral” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 15).

Tanto a visibilidade acentuada quanto a cada vez mais acentuada imitação intermitente culminam na obsessão pelos modelos impostos, e “pelo fato de nos tornarmos mais atentos a variação de formas e funções corpóreas, pudemos nos tornar mais sensíveis a ideia de que ‘para corpos diferentes, felicidades diferentes’” (COSTA, 2005, p. 19). Caímos numa cilada, ao corpo que não se adéqua as formas impostas, resta-os a exclusão e preconceito, pois para o corpo que não se enquadra “mesmo gozando de perfeita saúde, seu corpo não é perfeito e ‘deve ser corrigido’ por numerosos rituais de autotransformação, sempre seguindo os

conselhos das imagens-normas veiculadas pela mídia” (MALYSSE, 2002, p. 94). Diante do corpo excluído, há uma única saída: a reconstrução dos corpos.

Reconstruir os corpos fazendo o uso e auxílio dos avanços tecnológicos científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginásticas, regimes, etc. – para a promoção de mais saúde e prolongamento da juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que o corpo conseguiu galgar um inédito espaço na mídia e uma banalização importante no cotidiano já que “o corpo se tornou o mais belo objeto de ‘consumo’” (VIGARELLO, 2006, p. 171).

Mesmo no evoluir dos séculos, em pleno século XXI, ainda assim “o aumento de controle e atenção sobre o corpo produz uma maior incerteza sobre ele” (ORTEGA, 2008, p.13). Incerteza que o faz produzir um leque de verdades criadas pelos veículos de comunicação de massa: o corpo da publicidade.

Entretanto Costa (2005, p. 197) nos alerta que o mesmo:

Não se dirige diretamente a nenhum de nós ou considera as peculiaridades de nossas histórias de vidas, ao provocar o nosso desejo de imitá-lo. A moda, em sua neutralidade moral e constante mudança, não nos acusa, nem elogia. Apenas se apresenta como um ideal que devemos perseguir, sem consideração pelas conseqüências físico-emocionais que venhamos a sofrer.

Para o autor não há como saber qual o caminho justo para uma virtude no campo da bioascética. Já que, ao invés de liberdade, encontramos práticas de disciplinamento do corpo. O que resta aos indivíduos, fadados ao corpo aparência é viver angustiado na busca do corpo da moda. Assumindo identidades novas na medida em que o corpo vai cedendo aos inevitáveis efeitos da velhice.

O novo passa a ser então uma ferramenta da obsessão pelo cumprimento de exigências dos manuais da boa forma. Corpo que passa a corresponder pela personalidade e moral dos indivíduos, que cria inúmeras formas de atrativos para seus servos e que nos deixam poucas formas de existência e resistência e muitas de sobrevivência.

2.3. Corpo padrão ideal: do saudável ao “sarado”

A sociedade atual sob o paradigma do corpo é tida como impaciente. Sob a prerrogativa de discursos de mais saúde tem levado o corpo, indiscriminadamente, a uma condição de destaque permanente, na medida em “a preocupação com o corpo saudável, e acima de tudo bonito atravessa contemporaneamente os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais” (WITT; SCHNEIDER, 2011, p. 3910). O corpo ao longo de seu percurso histórico, até chegar aos dias atuais, se vê com a necessidade de expor-se ao outro seguindo um roteiro da boa forma, um grande manual, com inúmeros rituais para os que almejam alcançar um “corpo padrão ideal”, e nessa cartilha “o justo é o saudável; o reto é o que se adapta ao programa da vida bem-sucedida” (COSTA, 2005, p. 191).

Tanto o corpo saudável quanto o sarado (atletico) apresentam considerações no campo da saúde, cujas “mudanças ocorrem e são percebidas na medida em que novos critérios e referências são evocados, configurando padrões estéticos que estão permanentemente sujeitos a transformação” (SAYÃO, 2014, p. 111). As receitas para o corpo do sucesso mudam constantemente a partir de novos apetrechos da moda e até mesmo os conceitos de saudável e sarado são uma incógnita, já que, em se tratando de corpo os limites de “certo ou errado, verdadeiro e artificial começam a ser relativizados” (SANT'ANNA, 2004, p. 18).

No caminho árduo para a posse deste corpo o mesmo precisa ser mostrado, com toques e dicas para sua aquisição. Esse desejo pelo corpo e a sua destemida busca “apresenta-

se como ato quase desesperado de posse de algo em que é possível transformar-se, não importando muito as condições para a realização da transformação” (SOARES, 2001, p. 121).

Buscando ser admirado, exaltado e ter a sua imagem veiculada nos mais variados órgãos publicitários os que vivem em prol do corpo do espetáculo se submetem a tudo. Até mesmo uma aceitação forçada através de sua visibilidade, da sua imagem corporal. Por imagem corporal, Pereira et. al. afirmam ser “a constituição da figura do corpo que o indivíduo tem de si mesmo, ou seja, como ele concebe e percebe seu próprio corpo.” (2013, p.345). Nessa formação e reprodução da própria imagem corporal “cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo” (COURTINE, 1995, p. 86). É ele o responsável por discipliná-lo, modelá-lo e quando foge as normas também corrigi-lo.

A correção do corpo que não se adequa aos formatos socialmente construídos se torna rotineira à medida que “a ‘imperfeição’ física dos indivíduos comuns defronta-se, a cada instante, com imagens de ‘corpos perfeitos’ em telas de cinema, TVs, computadores e outdoors” (SABINO, 2002, p. 144). As imagens corporais veiculadas despertam um desejo ilimitado e angustiante nos indivíduos que acreditam carecer de modificações, já que parecem associar o modelo de padrão ideal como o único caminho para a felicidade. Com essa aparente busca percebe-se que “as pessoas querem não só viver mais, mas apresentando um visual corporal ‘jovem’ ou, ao menos, ‘saudável’. E o próprio conceito de jovem e saudável é fornecido pelo visual” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 15).

Constata-se então que o campo visual exerce forte influência contemporânea. Os ideais de felicidade contemporâneos, por exemplo, parecem ser cada vez mais relacionados ao culto da beleza física, e esta “se limita menos ao arranjo dos traços individuais para participar das maneiras globais das quais o indivíduo afirma sua identidade” (VIGARELLO, 2006, p. 142). Confirmando com as ideias de Costa (2005, p. 19) que afirma em seus escritos que “o interesse pelo corpo não é gratuito ou despropositado”, ou seja, ele se dá tanto para os indivíduos que desejam o corpo espetáculo para mostrar, serem vistos como referências e assim serem aceitos pelo seu grupo, quanto para a o consumismo que lucra bilhões através dos altos investimentos que a população realiza para cumprir com as exigências da cartilha da boa forma.

Cabe ressaltar que “a eleição e a otimização de padrões corporais como referência para avaliar o mérito de cada sujeito envolve a criação de modelos não só acerca da saúde perfeita, mas também da forma física e dos desempenhos físicos” (SAYÃO, 2014, p. 111).

Presume-se então que o modo de vida saudável na contemporaneidade parece ir muito além de um modelo de vida livre de doenças, mas sim, também, um modelo que tenta chegar próximo a perfeição e prolongamento da vida uma vez que “o corpo deixou de ser um meio de agir sobre o mundo ou de enobrecer sentimentos para voltar-se para as finalidades de sua própria autoconservação e reprodução” (COSTA, 2005, p. 191).

O ser saudável visto sob o ponto de vista contemporâneo sofre mutações, passando a ser atrelado e confundido muitas vezes com o sarado (atlético) já que “representações de saúde em nossas sociedades têm sido atualmente relacionadas à ausência de adiposidade e à musculatura rígida e aparente” (SABINO, 2002, p. 152), características que outrora poderiam perfeitamente estar presentes na composição corporal de um ser humano tido saudável no passado, ou se nos atentarmos sob a ótica médica.

É interessante fazer uma comparação e exemplificar as formas como os corpos da moda são vistos atualmente. O uso do termo sarado que outrora era usado para nomear um ser que está curado de enfermidades, atualmente “funciona, para os adeptos do atual culto à beleza e à ‘boa forma’, como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 31), logo, na linguagem dos corpos, sarado é aquele que venceu e conseguiu conquistar o tão sonhado corpo, em comparação ao termo sedentário que denota que o mesmo

deve estar inativo, que não pratica atividade física regularmente e, por conseguinte deveria correr atrás da cura, do sarar-se.

O pico dos padrões exigidos chega ao ponto de revelar que “para alguns homens (e também para crianças, jovens e adolescentes em geral), existe um evidente desconforto por não se enquadrarem nos ditos ‘corpos perfeitos’, projetados para a sociedade ocidental” (VITELLI, 2012, p. 363).

Teceremos aqui quais características esse corpo padrão deve seguir e as suas exigências. O corpo sarado que cada vez mais é visto nas mídias e que parece despertar paixões nos mais variados indivíduos representam inúmeras vezes, abusos contra o limiar do saudável. Muitas das vezes para adquirir um corpo sarado, só a custa de medicamentos e dietas que ferem a saúde. Como os sacrifícios em busca do corpo belo requerem muitos cuidados e disciplina, os que não conseguem caem na inadequação corporal e conhecem o lado nocivo do não enquadramento.

Os corpos com musculoso hipertrofiados, também característicos do corpo padrão, ao ganharem suas formas e ideias atribuídos ao belo contribuem para a reprodução desta tipologia corporal. “O ideal muscular é reforçado pelos significados ou respeito frente aos conceitos dos outros, como da família, dos amigos e da mídia” (AZEVEDO ET AL., 2012, p. 58).

E quando são disseminados pela mídia parecem ser reproduzidos (imitados) e reafirmados como desejo de um ideal, o ideal do fitness. Com este modelo de belo idealizado nos indivíduos cada um parte em busca de seu “eu” para que possa ser assimilado por si e admirado por todos. “A todo o momento saberes e técnicas sobre o corpo, as práticas corporais e a saúde são referendados e ofertados para consumo, estabelecendo a necessidade de realizar permanentemente um ‘auto upgrade’” (SAYÃO, 2014, p. 108).

Somado a esse *upgrade* do corpo padrão surgem para reforçá-los ferramentas que o potencializam. Assim, “o bronzeado, a musculação, as roupas justas vestem o corpo e formam uma espécie de segunda pele natural, que permite a cada um identificar-se e incorporar valores estéticos coletivos” (MALYSSE, 2002, p. 113).

De fato o interesse pelo corpo sarado vence a barreira do saudável e passa a significar seu sinônimo. A aparência física parece ser, no presente, forte elemento nas relações sociais “pois a ela são atribuídos significados e, ao almejar esses modelos corpóreos, o resultado é transmitido também no caráter de transformação pessoal” (AZEVEDO ET AL., 2012, p. 58). Para os que tentam viver no anonimato do ideal do corpo espetáculo há apenas um caminho, apontado por Costa (2005, p. 200-201), onde na busca de uma autoidentidade:

A única tática bem-sucedida é o desaparecimento do campo do olhar do outro. O preço do reconhecimento imaginário é a invisibilidade cultural pela massificação. Sem isto, o indivíduo jamais consegue estar tranqüilo consigo, isto é, livre da invasão persecutória do ideal da fitness.

Se apagar (sumir) ou/e se juntar aos demais é o preço, logo, fazer parte do corpo saudável culmina-se no corpo sarado. Todavia, para ser considerado um liberto da obsessão do culto ao copo, deve-se não se deixar ludibriar-se pelo olhar do outro e pela sedução de fama e poder que o corpo padrão ideal promete. Já que “para ter acesso real ou fantasioso à vida-espetáculo, sacrificamos a dignidade à idiotia e nossos corpos à sanha dos mais degradados” (Ibid., p. 177).

Sem dúvidas, as nuances do corpo padrão ideal contemporâneo nos deixa poucas saídas. Com atrativos intermináveis, como viver mais, ser bonito, aceito, desejado e ter o ego de um semi Deus, ele parece acabar por recrutar uma legião de adeptos ao corpo máquina na busca de uma vida feliz e realizada, pelo menos na psique da ilusão.

2.4. O corpo do “eu” e do outro

O “eu” de hoje não representa o “eu” do passado. Por mais simples que uma frase desta possa significar, atualmente representa uma construção que culmina numa nova forma de identidade, “já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, estando ao seu serviço” (ORTEGA, 2008, p. 43). O “eu” então ganha um sentido totalmente novo em relação ao passado, passando a responder atualmente pelo indivíduo em sua integralidade, isso é, englobando as dimensões mente e corpo.

Antes, reconhecer e “imaginar um eu, uma consciência ou um inconsciente confinados no ‘interior da mente’ ou ‘dentro’ dos limites do corpo físico era ir ao encontro da mais corriqueira evidência” (COSTA, 2005, p. 18-19). Atualmente, o “eu” quer ir além, passando então a ser também parte de fora, e na atual conjuntura, passando a valorizar cada vez mais o externo em detrimento ao interno.

Com as novidades das modificações no comportamento da sociedade atual para Souza (2004, p. 63) “o *eu* não tem mais uma base sólida de uma identificação estável, e as seguranças de que necessitamos devem ser construídas por nós mesmos”.

O “eu” que também poderíamos chamar de *self* (eu, próprio), pode ser considerado a parte que insere consciência, como se o nosso corpo fosse um recipiente e o nosso “eu”, vivesse dentro dele. Considerando esse corpo recipiente e o eu que o habita, indagamos:

Qual a relação entre o corpo e o Eu: o corpo é ‘propriedade’ do Eu – costumamos dizer: meu corpo – ou se confunde com ele? O dualismo corpo/alma que se estabeleceu no Ocidente cristão não impede de que o sujeito identifique a imagem do corpo com o contorno narcísico do Eu. O reconhecimento da imagem no espelho é a matriz de nossa identidade imaginária, para a qual, como o nome próprio, fornece o traço simbólico mais estável. (KEHL, 2003, p. 243).

Com a realocação do corpo como ator principal na formação da personalidade dos indivíduos, as características do corpo passam a fazer parte constituinte da própria identidade e galgando aos poucos espaços relevantes na sua formação, já que “os modos de constituição do eu por meio da exibição do corpo e da intimidade, característicos dos processos de exteriorização, fazem com que deixe de existir diferença entre o que o indivíduo considera como seu eu interior e sua aparência corporal” (SAYÃO, 2014, p. 121).

Segundo Ortega (2008, p. 42), se estabelecermos uma distinção entre o corpo e o “eu”, perceberemos que no atual cenário elas se tornaram obsoletas. Com o uso diferenciado dos corpos através de práticas físicas (fitness) os sujeitos se tornaram verdadeiramente corporificados. “O físico tornou-se um signo cardinal do *self* de uma maneira que não é mais conseguido por meio de acessórios tais como moda e cosméticos. O corpo é central para a experiência do eu”. Logo, reafirmando o enfraquecimento atual de um “eu” separado do corpo.

Ao elencarmos a relação do corpo do “eu” com o outro, perceberemos que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Kehl (2003, p. 243) afirma que “ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao outro; o corpo é formatado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir”. Vivemos uma relação tão diversificada em comparação ao passado e um tanto quanto recíproca e presente, com o corpo do outro – como um mesmo culto – que passamos a valorizar competitividade, consumo, performance e modelos socialmente impostos.

Para Costa (2005, p. 203): “Cultura do corpo ou culto ao corpo, não é uma definição; é um recurso de ênfase. A designação imprecisa chama a atenção para o fato de o corpo ter-se tornado um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais”. E para essa

constituição do corpo as imagens parecem emergir como a concretização da formação dessas identidades.

Na imagem, as pessoas recuperaram a unidade e o sentido de suas vidas. A espetacularização da sociedade torna a realidade em imagem e a imagem em realidade. Todavia, a imagem é uma abstração da realidade, e nossa sociedade espetacular uma abstração e alienação do mundo. (ORTEGA, 2008, p. 162).

Na abordagem de Ortega, o surgimento das imagens artificiais, vítimas do fenômeno do espetáculo, acabam por tornarem-se as novas referências em função de interesses de consumo. Cruz et al. (2008, p. 1) corrobora com a afirmativa ao revelar que “antes as preocupações eram comportamentais, agora a imagem está à frente de qualquer objetivo”.

Com as referências criadas a partir das imagens, têm-se as tentativas de construção de realidades fabricadas. Em busca de torná-las reais, qualquer sensação “é uma maneira que tem o eu corporal de se relacionar com o mundo pelo movimento” (COSTA, 2005, p. 63). Provar sensações numa sociedade onde o descarte dos que não se adequam as imagens corporais do sucesso se dá de forma rotineira, representa riscos e intensa luta para a conquista de atributos que garantam sucesso e evitem o recolhimento.

O sujeito que não pode representar o corpo próprio como imagem corporal, ou seja, como causa de mudanças nas condutas ou desejos do outro, desorganiza o núcleo formador de sua identidade. Causar o movimento intencional do outro na direção egocêntrica ou corpocêntrica é condição imprescindível do sentimento consistente de identidade pessoal. Em função disso, muitas distorções da imagem do corpo ou abusos na exploração das sensações corporais se explicam como um desdobramento desse movimento inicial do eu corporal de tentar causar mudanças no desejo do outro. (Ibid., p. 71).

O corpo como objeto/local/recipiente que sofre ações dos indivíduos aparece nos dias atuais como algo que representa o reflexo que acusa perfeições ou imperfeições. A acusação se dá no aspecto físico (tipologia corpórea), que ao serem visíveis, são julgados socialmente, uma vez que o “corpo tornou-se a principal referência na constituição da identidade e da moral dos sujeitos” (SAYÃO, 2014, p. 137).

No culto ao corpo do “eu” contemporâneo o fator de novidade se dá no desejo “de fazer o outro nos desejar, e nossa satisfação consiste em alcançar, na realidade ou na imaginação, o que antecipamos de forma imaginária” (COSTA, 2005, p. 73).

Todos os desejos parecem nos levar a corpolatria. Diante da preocupação com o parecer com o outro e do aparecer para o outro o “culto ao corpo levou ao incremento de um individualismo perverso, no qual cada um se torna o responsável pelo que é de forma que sua condição física é diretamente atribuída à sua capacidade de autodisciplina” (MISKOLCI, 2006, p. 682).

O culto ao se mostrar através de um individualismo do “eu” encarna “a percepção imaginária desejada pelo outro, tenta fazer com que todo corpo se curve a esse ideal de perfeição, e resiste a integrar à sua imagem expressões físicas que contradigam esta expectativa” (COSTA, 2005, p. 74).

Numa corrente pós moderna em que o aparecer se tornou uma vontade inata, até as crianças já utilizam dessa habilidade como uma espécie de herança cultural da sociedade, esse aparecer age como uma condição de vida e é compartilhado como fenômeno de massa que fornece uma imediata sensação de felicidade e valorização do ser.

Não há dúvidas de que a hipervalorização dos produtos de consumo, a mídia e outras mais corroboraram para tal fato tomar tamanha proporção nos dias atuais.

Nasce uma era em que convergem o sentimento de poder dominar a aparência e o de poder transformá-la em sinal marcante do si individualizado. Daí, enfim, um novo

tipo de conflito, um obstáculo decisivo mesmo, às vezes, entre as duas vertentes tradicionais da beleza: o mais eminentemente individual, o mais eminentemente coletivo. (VIGARELLO, 2006, p. 181).

Ao propagar ideais de eficácia e realização comprovadas, o corpo protagoniza sentimentos alarmantes, pois se configurou como símbolo de cultura da performance vigente na sociedade contemporânea. Na lógica do aperfeiçoamento do corpo vale tudo, pune e agracia; bate e faz carinho; morde e assopra. Mesmo se escondendo por não fazer parte do modelo proposto ou fazendo parte, seja por promoção pessoal ou até pela busca da saúde perfeita o ideal do corpo do “eu” e do outro está sendo disseminado:

Ao estimular a concorrência, a permanente necessidade de superação e a busca constante dos modelos, essa forma de conduzir a vida aumenta as possibilidades de fracasso e amplia a preocupação com as formas de evitá-lo e, quando isso não for possível, de escondê-lo. (SAYÃO, 2014, p. 136).

Essa é a sociedade do controle, que ao levar em rédeas curtas a circulação dos discursos, cria no “eu” a necessidade de aprovação do outro, numa relação mútua de causa, onde os efeitos respingam em ambos os lados.

3. CAPITULO II

O CORPO, SUBJETIVIDADE E SUAS FERRAMENTAS DE SUBMISSÃO

3.1. As problemáticas do corpo: condenados?

Ao pensarmos no corpo e no seu cada vez mais imponente papel nas sociedades, percebemos que ele vai muito além de um recipiente para a alma e intelecto.

Para Carreteiro (2005) o corpo é tão valorizado culturalmente na sociedade ocidental que faz essa procura excessiva pelo belo ser considerada doentia devido ao seu alto investimento e supervalorização. A problemática se dá na necessidade de ser e de representar identidades padronizadas, como se o corpo existisse ou que fosse exigido apenas um formato único, perfeito e desejado. Tal norteamento nos leva a seguinte reflexão: estamos, de fato, condenados?

Para Ortega (2008, p. 44) os condenados à aparência “são privados da capacidade de fingir, de dissimular, de esconder sentimentos, as intenções, os segredos, uma capacidade presente na cultura da intimidade que se tornou obsoleta”. Segundo o autor, atualmente somos o que aparentamos e, portanto não teríamos um lugar para nos refugiar, uma vez que estamos à mercê do julgamento do outro, logo tudo está à mostra.

Ghiraldelli Jr (2008, p. 18) afirma que “‘aparecer’ e ‘parecer’ são os verbos de nossos tempos”. Ora, se habitamos numa época que em que vivemos o que representamos na aparência, onde entrariam as preocupações com outras questões?

Costa (2005, p. 185) nos revela que família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessam “como instrumentos de autorrealização, em geral entendida como sucesso econômico, prestígio social ou bem-estar físico e emocional”.

Se os valores tidos como mais importantes no passado, atualmente tomaram outro rumo para os que se preocupam obsessivamente pela aparência, qual será o nosso fim? Vitelli (2012, p. 356) nos faz uma provocação ao afirmar que “somos convocados a pensar sobre a multiplicidade de representações corporais adotadas por estilos de vidas que nos identificam ou não com os grupos que pertencemos”. Logo, o pensamento sobre as questões inerentes aos corpos são primordiais para se questionar e refletir sobre o futuro que queremos e pelo qual estamos nos tendenciado a trilhar.

A partir de constatações, percebemos que o corpo figura como protagonista na sociedade do consumo, já que “o lugar que o corpo ocupa atualmente é uma das consequências do enfraquecimento dos coletivos e da configuração maior da cultura do narcisismo” (CARRETEIRO, 2005, p. 67). Para o autor, vivemos sob um individualismo operante, que arrocha todo o desejo grupal e evidencia a figura do eu, já que “quando a pessoa está centrada em si mesma, ela pode até dirigir sua atenção aos grupos de iguais, mas o resto do mundo torna-se quase inexistente ou invisível” (Ibid., p. 74), o que configura a justificativa para o enfraquecimento do coletivo que tem, como resultante, levado ao aumento da preocupação com a aparência visando à aceitação em seus nichos grupais e ao preconceito com outros diferentes. Assim, os grupos com a formação de suas novas bioidentidades, como Ortega (2008) prefere chamar, visualizam o corpo que era submetido aos caprichos da alma como corpo do prazer. Nada além de um corpo submisso, já que corpo e *self* passam a significar a mesma coisa.

E no seguir das modificações corporais da cultura contemporânea até a noção de beleza sofre mutações, já que “não importa ser belo, importa ser um ‘tipo’ que possa dizer tudo sem precisar falar nada. Então esse ‘tipo’ redefinirá o belo” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 19). Fazer parte de um grupo, ter uma identidade bem vista neste, seguindo critérios de beleza totalmente moldados em torno da construção desta identidade passa a ser parte constituinte da natureza dos indivíduos. E na construção desse corpo, a obsessão com o ser magro, ter curvas de ‘violão’, (no caso das mulheres), viver refém dos regimes e dos exercícios físicos de modelagem do corpo, irão, para Goldenberg (2002, p. 09) testemunhar no poder normalizador dos modelos “um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos”.

Discursos de uma vida feliz atrelada ao corpo do sucesso parecem criar certa subjetividade aos indivíduos, ao promover uma pseudoautonomia aparente para com seus corpos, fazendo com que eles busquem a todo jeito e custo o sonhado corpo ideal. Já que em se tratando de corpos, os limites de céu e inferno são meritocráticos “quem não sabe, aprende rápido: apareça ou pereça. Fora as manchetes e passarelas não há salvação” (COSTA, 2005, p. 172).

Mas o que seria este corpo ideal? Tentando buscar respostas entendemos que ideal é uma utopia, já que é o que cumpre as exigências da sociedade midiática, que, por estar disseminada de “saberes”, agem como “flechas” certeiras nos corpos, que, atingidos, adotam tais práticas como filosofias de vida. Esses modelos de corpo e os caminhos prescritos para alcançá-los são transformados para Sayão (2014, p. 137) “em objetos de desejo, em estilos de vida e até em produtos a serem consumidos”. Contudo, esse mesmo corpo caso apresentem um defeito, ou que tenha seu status de modelo superado por outro “tipo” são descartados com facilidade.

É na intensa busca do reaproveitamento do corpo que nunca está pronto para ser ideal que entram as tecnologias de reparação dos corpos, e com ela muitos transtornos psicológicos. O corpo que não apresenta uma identidade aceita é taxado de anormal, gordo, débil, lerdo e passivo. Atualmente este corpo indesejado será o mesmo que receberá o convite de “conserto”, caso cumpra-se as exigências da boa forma. A lógica que se imprime é a de que “onde se perde o limite do próprio corpo, perde-se também o respeito por ele” (CRUZ ET AL., 2008, p. 6).

Tais argumentos nos fazem acreditar que estamos, de fato, condenados à estética da aparência. Tal suposição encontra respaldo nas palavras de Ortega (2008, p.13) ao afirmar que:

No fundo, poucos estão totalmente satisfeitos com o corpo que têm, e se podemos melhorá-lo e possuímos a tecnologia e os recursos suficientes, por que não aperfeiçoá-lo? Precisamente devido à sobrevalorização e ao enorme investimento simbólico que vem sofrendo, o corpo tornou-se objeto de desconfiança, receio, angústia, insegurança e mal-estar para muitos: aceitamos apenas o corpo em transformação, em mutação constante.

E ainda, é reforçado por Sibilía (2013, p. 93) que nos revela que “o problema se agrava ao constatar que, cada vez mais, corpo – e tão somente corpo – é tudo o que somos”. A vida, com a representatividade que o corpo galga devido a sua intensa difusão e sucesso midiático, ganha um novo conceito “tornamo-nos muito mais exigentes em relação ao que queremos como ‘vida’. Vida é possibilidade de uso do corpo ou não é nada – Pois o uso do corpo define nossa personalidade” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 18).

A afirmativa de Le Breton (2009, p. 111), ao analisar condutas de risco revela que:

A multiplicação das atividades físicas e esportivas de risco caminha ao lado de uma sociedade na qual, para um número crescente de indivíduos, viver já não é

suficiente, é preciso sentir-se existir. Para eles, a evidência tranquila de viver não é adquirida, é necessário experimentar o fato de sua existência.

Vida ou não vida, as experimentações adquiridas pelo corpo modelo cria um processo de fobia ao sedentarismo que fez “com que as consequências do mesmo assumissem uma fluidez capaz de afetar a todos” (SAYÃO, 2014, p. 107). Afetando ao ponto do corpo ser visto como algo fragmentado em detalhes como músculos de determinado componente, rosto, cabelos, lábios, acessórios, assim “se torna cada vez mais efêmero e provisório” (TOLENTINO; ASSUMPCÃO, 2012, p. 780), uma vez que está fadado ao envelhecimento, morte e sucessivas mutações do corpo ideal.

Frases de incentivo como: transforme seu corpo em um corpo perfeito, tenha a barriga tanquinho dos seus sonhos ou mude sua vida, rotineiramente difundidas pela mídia, associam a vida e felicidade a condições de beleza e estética satisfatórias, já que,

Apresenta o corpo como um objeto a ser reconstruído tanto em seus contornos quanto em seu gênero. Por meio de complexos mecanismos de incorporação de estereótipos corporais, o corpo torna-se então uma superfície virtual, um terreno onde são cultivadas identidades sexuais e sociais. (MALYSSE, 2002, p. 94).

Como as identidades dos indivíduos se vêm agregadas pelos atributos que compõem seus corpos, a sociedade também fez sua adequação e “todos os movimentos demorados, reflexivos, foram substituídos pelo ‘olhar de relance’ e pelo julgamento ‘a partir do visual’” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 12). O visual então passa a ter um poder de formação de conceitos e representação ímpar e “a imagem corporal é a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio” (WITT; SCHNEIDER 2011, p. 3910). Um corpo belo nunca esteve tão valorizado e exposto através de dietas, exercícios e vestimentas.

Para Ghiraldelli Jr (2008, p. 11), o corpo passa a ter um local de destaque tão grande que fez com que a mente (intelecto) ocupasse um espaço secundário, perdendo importância, “uma vez que passou a ser percebida articulada ao cérebro; e este, afinal, foi assumido de vez como um órgão do corpo – importante, sem dúvida, mas, ainda assim, nada além de um órgão”.

Se a mente perde sua importância e vira coadjuvante nas relações sociais “a insignificância passa a ser digna de importância; o seu culto, uma expressão adaptada de nossa época” (CARRETEIRO, 2005, p. 66). Perdemos de fato nossa autoconfiança e sua primeira manifestação “é percebida quando o corpo que se tem não está de acordo com o estereótipo idealizado pela sociedade” (PEREIRA ET AL., 2013, p.347). Assim, corpo como instrumento de controle e passando a ser mais valorizado do que o próprio pensamento nos sugere a condenação pela estética da boa forma.

A aparência que o corpo carrega fatalmente “tornou-se central para a identidade pessoal, tornando os indivíduos ‘condenados da aparência’, a marca corporal representa a procura de autenticidade, de uma localização real de nossa essência na sociedade da aparência” (ORTEGA, 2008, p. 61).

Vigarello (2006, p. 184) aponta como única saída aparente, para revertermos às tensões que o corpo sofre “compreendê-los melhor para melhor apagá-los, afirmar plenitude e liberdade, saber interpretar ‘as mensagens de nosso corpo’ para melhor embelezá-lo e superar ‘o que não vai bem’”. O indivíduo deve então se considerar livre enquanto proprietário do seu corpo e não considerar apenas o fato de ter um corpo e com isso tratá-lo meramente como um produto. O que cruza com as idéias de Ortega (2008, p. 63).

‘Ter um corpo’ torna-se mais importante que ‘ser um corpo’, um corpo coisa ou corpo-objeto, meramente possuído, uma coisa com propriedades físicas, anatômicas

e fisiológicas, esquecendo que o corpo é ao mesmo tempo ‘o corpo que eu tenho’ e o ‘corpo que eu sou’, ou seja, corpo vivo e corpo vivido.

Como vimos, o predomínio da busca do bem-estar é considerado fator primordial usado no mercado da beleza e um dos responsáveis pela ditadura silenciosa que parecemos viver. Logo, recusando pouco a pouco as imposições da moda, abriríamos precedente para uma suposta salvação longe da condenação e pautada numa autonomia das vontades. Tarefa não tão simples, pois contrapor-se às ideias propagadas pelas mídias é motivo de fragilidade, preguiça e chacota, o que nos deixa com poucas saídas diferentes da condenação.

3.2. Sentidos e significados dos exercícios físicos

No atual cenário, mais do que significar saúde e bem estar, a prática de exercícios físicos conquista um espaço privilegiado no imaginário, criando gostos, vontades e sensações nos indivíduos.

Por exercícios físicos entendemos práticas de atividades físicas, sejam elas organizadas ou não, com regras que ao fim nomeiam-se vencedores, como nos esportes de alto rendimento ou práticas livres, compreendendo caminhadas ao ar livre, musculação, trilhas, escaladas, dentre outras.

Em se tratando do esporte de alto rendimento, Dias (2009) considera que impera um desejo obscuro do “ainda falta”, movimentando anseios para se buscar o melhor, o mais rápido, habilidoso, veloz. Para a autora, essa performance nunca é boa o suficiente já que, após a sua comemoração, há de se pensar no novo limite a ser ultrapassado. Nesse sentido ao se pensar o esporte e refletindo neste campo do espetáculo, cria-se no sujeito contemporâneo uma necessidade similar a que se impera na sociedade capitalista. Na verdade, o que se constata é a influência do capital sobre o esporte, uma vez que são movimentados bilhões nessa indústria do consumo que tem nos corpos os alvos de seus objetivos.

O desporto, que é o show do corpo em movimento, se alia à indústria de espetáculos e entretenimentos. Logo tudo isso é capturado e catalisado pela TV. Essas transformações indicam que o corpo deixa de ser secundário, mero instrumento, para tornar-se, mesmo sendo instrumento, elemento fundamental para a vida moderna. (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 44).

Os exercícios físicos por meio da simbologia do esporte, sem dúvidas, tornaram-se grande fenômeno social do nosso século, abrangendo aspectos políticos, econômicos e socioculturais. O papel do esporte fica evidente na sociedade quando nos deparamos com os sucessivos e volumosos espetáculos protagonizados por ele. Segundo Dias (Ibid., p.73) “o ideal esportivo de superação pode estar tensionando o presente e cumprindo função utópica de levar o desejo, como algo que nos move em direção a vida, adiante”.

O auge do impacto que os exercícios físicos têm feito na ideologia dos indivíduos chega ao ponto de nos sentirmos com frequência incomodados com o julgamento do outro pelo nosso estado de aparência física e em quaisquer comentários que envolvam exercícios e hábitos alimentares. Para Costa (2005, p. 199) tal constatação:

Desencadeia, em geral, uma tagarela, bizarra e infantilizada competição sobre quem faz mais exercícios; quem come menos gordura; quem é capaz de perder mais quilos em menos tempo; quem deixou de fumar há mais tempo; quem ingere mais vegetais, alimentos e fármacos naturais etc.

Essa competição em torno dos exercícios físicos parece emergir dos esportes de alto rendimento, em que para se sagrar vencedor, há uma série de sacrifícios objetivando o alcance de performances. Atletas, ao sagrarem-se os melhores em suas áreas de competição tornam-se exemplos e modelos a serem seguidos pelos fãs do esporte que passam a idolatrar os esportistas que mais se destacam nas modalidades. E não só nos corpos, mas também nas vestimentas, nas aparências e nas atitudes que esses atletas apresentam a receita do sucesso, logo, as suas vidas também merecem destaque. Surgem inúmeros patrocinadores com seus calçados perfeitos, maiôs e sungas que prometem, caso as use, serem também um esportista de sucesso. O interessante é que este ideal de perfeição, que é imposto aos atletas de alto rendimento tem criado a mesma necessidade em torno da população em geral. Habitam-se sentimentos de vontade e principalmente de necessidade de ter um corpo perfeito e melhor que o do outro, já que “a busca constante de recordes, as horas de treino fatigantes, organizadas desde um princípio científico, seriam réplicas da alienação e desumanização das linhas de montagem” (DIAS, 2009, p. 97). Essa perfeição no alto rendimento se dá graças ao uso da ciência e tecnologias em prol de um maior desempenho físico. Atualmente é impossível se pensar no homem contemporâneo sem o uso de tecnologias a sua disposição, não sendo diferente nos exercícios físicos. A possibilidade de maior investimento se amplia à medida que se tem quebra de recordes e novidades. Tudo para se aumentar a renda e com isso atrair interesses de investidores, que atualmente veem nos corpos uma maneira de criar formas de viver e vislumbrar maiores lucros, onde essa atração e envolvimento com o corpo se dá “pela insistente busca de mecanismos que evitem doenças, retardem o envelhecimento e prolongue a vida” (FRAGA, 2004, p. 67) e ainda, que potencialize o corpo.

Assim, esportes de alto rendimento acabam com todo esse volume de massificação publicitária criando uma modificação até mesmo nas atividades corporais que se desenvolvem dentro das academias, escolas ou clubes de ginástica, que “sem dúvida copiam as formas de utilização do corpo na mídia” (MALYSSE, 2002, p. 94).

Criam uma legião de seguidores, que usam e compartilham o que os esportistas mostram em propagandas midiáticas:

Os que não aceitam o jogo são vistos como problemáticos, do ponto de vista emocional, já que se entregam, sem escrúpulos, à autodestruição física e moral. Afinal, pensamos, sem a boa forma, não teremos oportunidade alguma de ser vencedores. O mal do século é o mal do corpo. (COSTA, 2005, p. 199-200).

Cada um pode e é capaz de vencer aos caminhos tortuosos que fogem ao corpo do sucesso. No controle de hábitos saudáveis há vilões, como alimentos calóricos e deliciosos, e ao ócio do lazer passivo em prol de um corpo requisitado. Uma dieta balanceada, livre de excessos, atrelada a um lazer ativo, com práticas regulares de exercícios físicos prometem o sonhado corpo do sucesso. Esse é o lema a ser disseminado. E caso não consiga alcançar, ainda existe a opção de recorrer a clínicas de estética e ao uso de anabolizantes que prometem perdas de peso e ganhos surpreendentes de felicidade e autorrealização sob a tutela de produtos farmacêuticos e cirurgias de correção de excessos. Sobre os anabolizantes:

A princípio direcionadas para a terapêutica, elas acabaram incrementando ilegalmente os esportes profissionais e amadores e, atualmente, é objeto de consumo cotidiano de pessoas comuns que buscam otimizar a aparência, muitas vezes utilizando o discurso da saúde como respaldo para seu consumo intermitente. (SABINO, 2002, p. 148).

Percebemos então que o objetivo não é o desempenho esportivo ou a socialização que outrora um esporte em equipe podia propiciar, “mas sim a busca de um bem-estar físico e psíquico, a busca da boa forma e da magreza que permitem uma boa apresentação do corpo

aos outros e, portanto, a socialização por meio de uma performance mais estética do que esportiva” (MALYSSE, 2002, p. 95).

Junto com o fenômeno dos exercícios físicos e com efeito proporcional “a aparência do corpo tornou-se central às noções de autoidentidade. Ele veio representar a liberdade pessoal, o melhor de nós” (ORTEGA, 2008, p. 42). Essa consciência de autoidentidade do próprio corpo só pôde ser adquirida pelo investimento do corpo pelo poder: a ginástica, a musculação, os exercícios em geral, o desenvolvimento muscular, a exaltação do belo corpo.

Tudo se conduz “ao desejo de um ideal de corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerce sobre o corpo. Nesse sentido, a mídia opera através do esquadrinamento do corpo” (NIEMEYER; KRUSE, 2008, p. 461).

Vaz (2011, p. 849) faz uma perfeita colocação a respeito da dimensão ímpar que as atividades físicas têm tomado no cenário contemporâneo:

Seja em sua dimensão de espetáculo, como prática ou consumo, nas atividades escolares e de lazer, seja como profissão de homens e mulheres em todo o mundo, o esporte aparece como um tema contemporâneo e como uma das formas privilegiadas de organização dos usos do corpo, de aplicação de técnicas sobre ele, de tomá-lo como experiência e instrumento para viver o presente, as memórias, os desejos.

Na atualidade, já podemos reconhecer os exercícios físicos pelo seu potencial de afetar o social, o corpo como “uma obra de arte em potencial, obra que o artista social tem o dever de refinar e estilizar dia após dia por meio de uma série de exercícios (de) formadores, sempre orientados por uma busca estética, por uma otimização da aparência física” (MALYSSE, 2002, p. 132).

O uso dos exercícios físicos em excesso para Pereira et. al. (2013, p. 345) surge a partir da insatisfação com o corpo real em comparação “ao padrão ideal disseminado pela mídia, o receio de ser excluído ou de ser desvalorizado, associado a um discurso que relaciona saúde com a aparência e o imediatismo na obtenção do corpo desejado”.

Dessa forma, é preciso pensar os exercícios físicos e o esporte “como importante vetor de identidades a partir das relações que estabelece entre conformações corporais e subjetivas. Seu alcance não se esgota naqueles que o praticam, mas atinge aqueles que o apreciam e o consomem” (VAZ, 2011, p. 850).

O fenômeno das atividades físicas é tão grandioso que até para os que não a apreciam torna-se impossível ignorá-la, já que “o desejo narcísico utiliza-se do anseio de se pertencer a um grupo, de se diferenciar das pessoas, de se identificar com elas” (TOLENTINO; ASSUMPCÃO, 2012, p. 780), e este anseio os exercícios físicos prometem amenizar, uma vez que “a atitude comum é acreditar que a timidez e a insegurança social seriam resolvidas tendo corpos belos e fortes” (AZEVEDO ET AL., 2012, p. 62).

De fato, o espaço alcançado das atividades físicas na mídia e na vida das pessoas nos deixa poucas saídas. Diante da prerrogativa de um corpo saudável, de estar em dia com seu *look* e ter assim acesso ao corpo do sucesso: as atividades físicas, diante do seu potencial transformador, vieram para ficar e modificar a construção de ideologia e de corpo.

3.3. A fama, desejos e seus elos com o corpo

A fama pode ser considerada no atual cenário como um status que mais atribui desejos. Quem nunca desejou viver como uma estrela da mídia? Se destacar em algo e logicamente ser reconhecido por todos? Essa busca e desejo ganha destaque no final do século

XIX, já que “um mundo de exemplos constituído de atrizes, vedetes, esportistas incrementam a valorização do modelo vigente de beleza e a sua difusão” (SAYÃO, 2014, p. 114).

Para Vaz (2004, p. 54), imagens captadas pelas câmeras têm intencionalmente a pretensão de reproduzir verdadeiras obras de arte, que correspondem em mesma proporção “ao ritmo da cidade moderna, onde os sentidos são aguçados pelas novas configurações de espaço e tempo”. Sendo justamente no cinema, para o autor, o lugar onde ocorre o entrelaçar da parte técnica/tecnológica e o ser humano, que juntos representam o auge de uma cultura que valoriza e respeita em demasia atributos estéticos. E vai além, por ser difundido e ter alta expressividade nos projetos modernos, é também capaz, devido ao seu alto poder de persuasão, de influenciar nas formas e modelos de sujeitos, que, em instantes, serão reproduzidos pelas massas.

Visando aumentar o poder de influência, os desejos produzidos pelos que alcançam a fama potencializam os efeitos de ação nos indivíduos, agregando-se imagens virtuais, desfiles de moda, filmes, eventos esportivos, novelas, etc. As vestimentas em nossa sociedade têm o “poder de transformar um corpo imperfeito num corpo (es)cultural” (NIEMEYER; KRUSE, 2008, p. 463). Tudo ganha sentido e significados no desejo de explorar as boas formas. Imagens virtuais agregadas ao movimento como filmes, séries e novelas, ao surgirem renovaram o mundo imaginário. Para Ehrenberg (2010) a sociedade contemporânea vivencia uma mudança na mitologia da autorrealização. Não basta apenas aos sujeitos das classes populares e médias admirarem os feitos das grandes personalidades, heróis e estrelas. Apesar do ponto de vista do espectador permanecer sendo importante, o indivíduo comum é instigado a participar e não se contentar a ser um mero observador, devendo, sobretudo, “ser capaz de inventar a si próprio, construir seu espaço, ser vitorioso e tornar-se visível” (SAYÃO, 2014, p. 130). Portanto, sendo convocado, ou pelo menos tentado, a ser um famoso. O curioso para Costa (2005) é que estrelas da mídia quando narram suas experiências de vida revelam apenas o que todos sabem, porém persistem no que a realidade nega incessantemente: “A receita do sucesso, por exemplo, consiste em ‘seguir seu coração’, ‘confiar na intuição’, ‘deixar fluir as emoções’, ‘não se deixar intimidar pelas culpas e medos do outro’, ‘correr atrás de um sonho’ etc. (COSTA, 2005, p. 170).

E nesses modos de vida atrelam-se oportunamente a busca pelo corpo perfeito, que para ser ideal, em sua totalidade, deve para Niemeyer e Kruse (2008, p. 463) “vestir as tendências da moda. E se essa moda puder disfarçar alguma ‘imperfeição’ corporal, melhor ainda”. Já evidenciando nas afirmativas dos autores que o corpo perfeito não necessariamente precisa ser 100%, desde que o usuário disfarce as suas imperfeições usando os utilitários da moda como cintas, tatuagens, piercings, cabelos coloridos além de vestimentas que escondem as gorduras.

Para ter êxito na cartilha do sucesso, “mais do que combater a feiúra, o que se exige é a obtenção de um estoque de beleza suplementar” (SANT’ANNA, 1995, p. 137). São criadas verdadeiras filosofias de vida, girando em torno da aparência. O interesse pela padronização é o de criar corpos submissos. “Trata-se de reservar ao corpo a possibilidade de manter-se capaz de experienciar (erfahren), de ter voz em um contexto que pretende controle, domínio e aniquilação” (VAZ, 2004, p. 58).

Segundo Costa (2005, p. 172), existe uma ambigüidade entre os sujeitos em relação aos ídolos: “de um lado, uma enorme inveja, de outro, um enorme desprezo. Inveja por não terem chegado aonde eles chegaram; desprezo por saberem que eles são apenas uma fachada envernizada no vazio moral”.

A procura pela fama cria o aparente desejo de uma busca interminável: a do corpo do sucesso. Todavia, os corpos desejados não mais se encontram presente em imagens reais, mas sim retocadas pelas tecnologias do mundo virtual. Diante disso “o virtual não é mais o oposto do real, aparece como seu prolongamento, e o corpo é basicamente uma imagem que se

apresenta dotada de materialidade, em concorrência com a materialidade real do corpo físico” (ORTEGA, 2008, p. 14).

Nos últimos anos, “inovações tecnológicas e avanços científicos penetraram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos em diferentes épocas” (FRAGA, 2004, p.62) e a ideia de um futuro cada vez mais diferente da atualidade faz de promessas à realidade. Com a ciência aliada à tecnologia o corpo passa a ser visto como uma espécie de robô. Projetados em filmes de sucesso como “Robocop” e “Eu, Robô”, por exemplo, reside o sonho de uma sociedade futura vislumbrada no homem máquina que ganha forma e é capaz de gerar transformações nos modos de vida da população, já que há a idéia de “um corpo que transgride as fronteiras entre o natural e o artificial, o orgânico e o não orgânico” (Idem, p. 62). O corpo que no passado era “moldado pela couraça de ferro ou de pano, ganha em autonomia: ele será chamado a fazer a obra da modelagem a partir de suas forças internas” (SOARES, 2001, p. 117). O modelo perfeito não se esconde, pelo contrário, é tão visto e esquadrihado que todos os segredos para a sua aquisição são revelados, assim, logo se impõe como “fundamento acessível, promessa realizável por todos: bastaria conhecer seu próprio corpo, dispor da informação correta, de experimentar-se” (VIGARELLO, 2006, p. 189).

Os corpos:

‘Montados’ pela moda produzem conceitos e comportamentos dando a impressão que a assimilação das conquistas em relação ao rendimento e a estética corporal por parte da população ocorre de uma maneira ingênua e ao mesmo tempo como promessa, sempre implícita, de conquista de uma juventude eterna, de um corpo esbelto, belo, de uma superperformance. (SOARES, 2001, p. 127).

Atualmente, “celebridades”, ou melhor, os “novos profissionais da beleza: modelos, esteticistas, esportistas, etc.” (SANT’ANNA, 1995, p. 135), inventam, reinventam e disseminam qual é o corpo socialmente aceito, que adjetivos devem conter para promover admiração e transformar-se em espelho aos demais. Parecemos estar diante de uma ditadura da moda, onde são expostos modelos de belezas descritas cada vez mais pelas personalidades da fama. Dessa forma, a fama e seus elos com o corpo significam mais que apenas os termos podem sugerir. Graças à idolatria ao corpo, surgiu a corpolaria. E com as imagens corporais ideais difundidas pela mídia, pelo marketing e publicidade, apresentam “como premissa a obsolescência programada do corpo. O sujeito, qualquer que tenha sido a sua experiência corporal, deve estar pronto a querer possuir o corpo da moda” (Ibid., p. 84).

Hoje, a conquista da fama e do corpo perfeito está atrelada a imagem e o quanto ela se apresenta como desejável visibilidade aos olhos dos outros. O corpo só atinge a tão sonhada fama quando é visto e se transforma no corpo que todos deveriam possuir. Seja nas telas, revistas ou outdoors espalhados pelas cidades, ele só ganha a entonação do campo do desejo e admiração quando ganha visibilidade, que, para Ortega (2008, p. 166), ocorre “no fundo, apenas esperança de visibilidade, pois está restrita a indivíduos que conseguem aparecer”, e assim virarem um corpo estrela. Tal artimanha, todos desejam, muitos tentam, buscam, mas raros conseguem já que sua busca é grande e seus resultados estão prestes a mudar através de diferentes referências para novos modelos de fama.

3.4. Concepções de saúde e beleza na fabricação dos corpos do sucesso

O indivíduo saudável (livre de doenças) e as práticas de cuidados com o corpo foram num passado recente, o principal fator representativo do corpo ideal. Com a expansão dos meios de comunicação surge o aparente e “inocente” propósito de criar um canal entre todos os indivíduos e facilitar as interações da vida em sociedade. Contudo, “a sociedade em que

vivemos sustenta um bombardeio de informações vindas dos meios de comunicação, de modo a nos lembrar de uma necessidade contemporânea, a de cuidados com o corpo” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 13). Com discursos de facilitador e com finalidade de interação essa expansão dos meios de comunicação marca o início de uma era em que esses veículos assumem uma função de ditadores de verdades e de criação de modelos de vida, de corpo, de saúde e de beleza nas novas sociedades.

A mídia, como a principal ferramenta contemporânea de divulgação e disseminação de padrões de corpo e estilo de vida, tem sido “essencial na constituição da identidade moderna e na produção de conceitos e comportamentos, educando, disciplinando e regulando corpos, constituindo sujeitos” (NIEMEYER; KRUSE, 2008, p. 457). Tudo se faz de forma proposital e é recebido, assimilado e reproduzido de forma inconsciente pelos indivíduos. Nas palavras de Malysse (2002, p. 93): “O corpo ‘virtual’ apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de corpolatria”.

Até mesmo as noções de saúde são distorcidas pela moda, que cria hábitos alimentares, formas de ser ativo e até o uso de roupas adequadas para a realização de cada tipo de exercícios físicos e através do auxílio da mídia ganham expressividade percorrendo diferentes culturas e criando apenas um modelo, o do sucesso. Esses artefatos que agem nas massas produzem sentidos e significados de verdade na cultura, produzindo para Niemeyer e Kruse (2008, p. 458) “sujeitos e identidades sociais em intrincadas redes de poder”.

Até mesmo a infância, a velhice e a adolescência são “tomadas como fases improdutivas para a sociedade, por isso desvalorizadas” (BOCK, 2004, p. 39). Ao perceber um novo potencial, a mídia rapidamente se adapta a modificações do tempo e cria, a exemplo, adultos mirins (meninos que utilizam as vestimentas e se comportam similares a adultos), o velho noviço (idoso que nega a sua idade e se porta como um adulto jovem) e o adolescente adulto (carregado de intensas necessidades de seguirem ídolos *teens*). Hoje a idade não é obstáculo improdutivo, ao contrário “o corpo-beleza em suas formas extremas alimenta-se da ilusão da vitória sobre a idade” (CARRETEIRO, 2005, 72).

Essas ações de formação de um modelo de saúde – beleza são estratégias de construção midiática que parecem visar unicamente à formação de sujeitos úteis, através de discursos e estilos de vida alinhados a seus interesses, já que seus discursos são, antes de tudo, “mais descritivo e menos opinativo” (TOLENTINO; ASSUMPÇÃO, 2012, p. 784-785), justamente por criar nas massas um caráter cada vez menos reflexivo e mais alienador.

Com as práticas de mimetização (repetição), a saúde e as noções de beleza viram reféns da mídia. É através dela que os sujeitos são levados a imitar e admirar os detentores do poder. Corroborando, Costa (2005, p. 166) faz uma alerta:

O único item do mundo ‘exclusivo’ à disposição do indivíduo comum é a imagem do corpo. Possuir um corpo como o dos bem-sucedidos é a maneira que a maioria encontrou de aceder imaginariamente a uma condição social da qual esta definitivamente excluída, salvo raríssimas exceções.

Somos e temos nas sociedades modernas o protagonismo do corpo, com o corpo do sucesso expondo e impondo seu formato. Contudo, que sucesso teria de fato os indivíduos que alcançam a beleza e a saúde travestida de saudável? Fatalmente e meramente o de perfeitos imitadores.

4. METODOLOGIA

Por metodologia científica entendemos um conjunto de caminhos ou métodos, capazes de nos guiar para o cumprimento dos objetivos propostos em meio de uma pesquisa. Todavia:

A pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito. O percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisamos, então, não somente de regras e sim de muita criatividade e imaginação. (SILVA; MENEZES, 2001, p. 9-10).

Para alcançar êxito na realização de uma pesquisa, é essencial que a mesma tenha ponto de partida, ou seja, um objeto, já que “a definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final” (DUARTE, 2002, p. 140). Em nosso pressuposto inicial consideramos a existência de um “corpo modelo” que vai constituindo uma ideia do que são saúde e beleza na sociedade.

Considerando o foco do objeto centrado no corpo, este projeto foi realizado com um grupo de alunos do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR), situado em Seropédica, Município do Estado do Rio de Janeiro. A primeira parte do estudo consistiu de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e exploratório. Segundo Gil (2002), neste tipo de pesquisa descreve-se o objeto, procura-se descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos. A pesquisa descritiva engloba dois tipos: pesquisa documental e/ou bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizadas. E como o próprio nome indica, é proveniente de fontes escritas como livros, revistas, jornais, periódicos, anais de eventos e da internet. Toda pesquisa têm a sua fase bibliográfica, pois todas têm de ter a fundamentação teórica e a revisão da literatura (ABRANTES, 2008).

Cabe ressaltar que nos atentamos aos procedimentos éticos de pesquisa, como: submissão do projeto ao conselho de ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), carta de anuência para apresentação à instituição, assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido pelos responsáveis dos alunos (na condição de menores) e termo de assentimento pelos participantes, bem como a não identificação pessoal dos mesmos nos textos do trabalho e ainda, o pleno esclarecimento sobre todas as condições determinantes para a sua participação, estando estes livres para a qualquer momento se desligarem da pesquisa (modelos no apêndice).

4.1. Natureza da pesquisa qualitativa

Optamos pela pesquisa investigativa de teor qualitativo, que se enquadra como um método de obtenção de dados “apropriados quando o fenômeno em estudo é revestido de subjetividade, busca de significados e sentidos interpretativos e não tendem à quantificação” (TOLENTINO; ASSUMPCÃO, 2012, p.781). A metodologia empregada, mais do que qualquer outro tipo metodológico “levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados” (MARTINS, 2004, p.295). Técnicas qualitativas são as que:

Possuem um conjunto de técnicas de coleta de dados. [As] mais conhecidas e utilizadas são a observação, a entrevista, o grupo focal e a análise de documentos. A escolha da técnica a ser utilizada ou da combinação de técnicas irá depender do objeto de investigação. (CARRARA, 2010, C, p.29).

Utilizamos a técnica do grupo focal por ser uma técnica que acontece em forma de debate, facilitando a exploração dos temas de forma mais profunda e intensa. Além de ser uma técnica que propicia investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de cunho grupal, propiciando liberdade nas formas de expressão dos investigados, favorecendo uma coleta de dados mais efetiva. Como característica principal está o fato da mesma “trabalhar com a reflexão expressa através da ‘fala’ dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema” (CRUZ NETO ET AL., 2002, p. 5).

A escolha pelo grupo focal se deu através de reuniões de orientação, ao constatararmos ser de grande valia uma coleta de dados que selecionasse um grupo pequeno e que ao mesmo tempo pudesse extrair o máximo de conteúdo, fato que corrobora com Gondim (2002, p. 158), que ressalta metodologias de pesquisa que se sustentam pela técnica dos grupos focais, já que considera “os produtos gerados pelas discussões grupais como dados capazes de formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um tema específico”. Outro fator determinante para a seleção se deu ao analisarmos o quadro apontado por Gomes e Barbosa (1999, p. 7), o qual faz um levantamento apresentando suas vantagens e limitações.

Vantagens	Limitações
Baixo custo	
Fornecer resultados rápidos	
Formato flexível, permitindo que o moderador explore perguntas não previstas e incentive a interação entre os participantes	Formato flexível torna susceptível à maneira de ser do moderador
Eficientes para obter informações qualitativas	Não fornece dados quantitativos
Eficiente para esclarecer questões complexas no desenvolvimento de projetos	
Adequado para medir o grau de satisfação das pessoas envolvidas	
	Informações obtidas não podem ser generalizadas e podem ser difíceis de serem analisadas
	Não garante total anonimato
	Exige facilitador/moderador com experiência em conduzir grupos
	Depende da seleção criteriosa dos participantes
	As discussões podem ser desviadas ou dominadas por poucas pessoas
	Comentários devem ser interpretados no contexto do grupo

Outro fator importante no Grupo focal reside no fato de ter como condições necessárias algumas funções de incubências pré definidas, e estas, exercem papel ímpar para o sucesso da técnica já que cada uma tem a devida importância. Sintetizamos cada função dos envolvidos na técnica do Grupo Focal segundo Cruz Neto et. al. (2002, p. 7).

Mediador: “É responsável pelo início, pela motivação, pelo desenvolvimento e pela conclusão dos debates, sendo a único que neles deve intervir e que pode interagir com os participantes” (Idem, p. 7).

Relator: “Sua atribuição é a de anotar as falas, nominando-as, associando-as aos motivos que as incitaram e enfatizando as idéias nelas contidas.” (Idem, p. 7).

Observador: “Função que tem como objetivo analisar e avaliar o processo de condução do Grupo Focal, atendo-se aos participantes isoladamente e em suas relações com o Mediador, Relator e Operador de Gravação” (Ibid., p. 8).

Operador de Gravação: “Função destinada à gravação integral – de acordo com o equipamento disponível - dos debates” (Idem, p. 8).

Transcritor das filmagens: Atribuído geralmente ao pesquisador. É o que transfere os áudios para o papel. “A transcrição deve ser a mais fiel possível (...). Todos os erros de linguagem, bem como as pausas nos diálogos, devem ser mantidos e assinalados para que a análise seja a melhor possível” (Idem, p. 8).

Digitador: “Sua atribuição é a de transpor todos os dados, manuscritos ou não, sistematizados, codificados ou gravados para um programa de computador, utilizando o software mais apropriado e que forneça o resultado desejado” (Idem, p. 8).

4.2. Procedimentos e instrumentos utilizados do grupo focal

A Coleta de dados utilizando o Grupo Focal segue algumas características singulares que permitem uma análise profunda, almejando que se cumpra seu objetivo principal que é de “revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão” (GOMES; BARBOSA, 1999, p. 1).

Para tanto, a coleta ocorreu durante o mês de novembro de 2015 e teve início logo após aprovação do projeto pelo comitê de ética da UFRRJ e assinaturas dos termos de anuência, assentimento, consentimento livre e esclarecido e leitura das recomendações para a participação no trabalho (apêndice). “A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos” (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p.116). O registro dos debates dos grupos focais foi gravado em áudio e vídeo, e, após, transferidos para o computador. O convite aos alunos do CTUR para a participação nos grupos foi feito presencialmente. Após o aceite, também verbal dos convidados, o ofício (modelo em apêndice) fora entregue em mãos, contendo as instruções necessárias para a participação dos convidados, e para assinatura dos responsáveis, no caso de menores.

Para a aplicação da técnica foram utilizadas 6 (seis) funções, em dois momentos, assim distribuídas:

Momento 1: Mediador, Relator, Observador e operador de Gravação – exercidas durante a realização do grupo;

Momento 2: Transcritor das filmagens e digitador – exercidas após a realização do grupo.

As funções de Mediador, transcritor das filmagens e Digitador foram exercidas pelo próprio pesquisador, que, como mediador do grupo, deve, segundo autores, apresentar várias habilidades. Cruz Neto et. al. (2002, p. 10), afirmam em seu trabalho que suas tarefas básicas serão as de “garantir a participação de todos, assegurar-lhes o direito ao sigilo do nome, motivar os debates de forma a fazer com que todos os temas propostos sejam debatidos, evitar que determinado participante constranja os outros e que os ânimos exaltem-se ou arrefeçam”. As demais funções foram realizadas por colaboradores que apoiaram o projeto. Passada a etapa de aplicação da técnica do grupo focal, foram feitas a organização e classificação do material coletado, realizando a seguir análises dos textos produzidos.

O uso da técnica do Grupo Focal abrange dois tipos de procedimentos segundo Cruz Neto et. al. (Ibid., p. 06): (1) mantém os mesmos participantes e realiza com eles mais de um Grupo Focal, propondo temáticas novas e/ou aprofunda-as a cada reunião e (2) mantém os mesmos temas e substitui os participantes. Para a pesquisa adotamos um procedimento alternativo, mantendo o mesmo tema e grupo, sendo estes participantes membros de uma turma do curso de Ensino Regular junto com Ensino Técnico.

O grupo seria composto inicialmente por 10 (dez) componentes, contudo, compareceram no dia da culminância 9 (nove) alunos. A realização de um grupo focal, a escolha de trabalho com turma regular bem como a divisão de 5 (cinco) componentes de cada sexo se deu após reuniões de orientação, onde se evidenciou ser necessário para dar maior representatividade a turma e, de forma geral, aos alunos do CTUR. Compareceram cinco meninas e quatro meninos.

As perguntas levantadas pelo mediador seguiram um “roteiro de debate” (Apêndice), que visou propiciar um maior direcionamento das questões criadas durante o desenvolvimento, ainda na fase de elaboração do projeto, pois, segundo Cruz Neto et. al. (Ibid., p. 11) eles apresentam “questões-chave que propiciem o levantamento e a obtenção de informações elucidativas acerca dos objetivos específicos propostos pela pesquisa”. E ainda, para Gondim (2002, p. 154) “um bom roteiro é aquele que não só permite um aprofundamento progressivo (técnica do funil), mas também a fluidez da discussão sem que o moderador precise intervir muitas vezes”. O roteiro de debate com as respectivas argumentações utilizadas durante os debates está presente em forma de “questões-chave” que foram utilizados durante a análise dos resultados obtidos e confrontados com as ideias dos autores citados na pesquisa.

Antecedendo o Grupo focal e buscando ajustes e treinamento para a técnica do Grupo Focal, fora realizado um teste seguindo o roteiro de debate com seis alunos da mesma faixa etária, sendo alunos do 3º ano do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) 114 – Maria Gavázio Martins sediado no Município de São João de Meriti, Estado do Rio de Janeiro.

Para a identificação dos participantes, por questões morais e éticas, usamos como origem do grupo focal o termo GF para designá-lo. E para numerar os alunos, já que preservamos seus nomes, usamos a numeração de 1 a 9. Utilizamos para o grupo focal o tempo total de mediação aproximado de 1 hora e 20 minutos para o debate, sendo cada questão abordada variando entre 15 a 20 minutos de duração.

Exemplo ilustrativo: GF-4 = Grupo Focal, aluno de numeração quatro (4) de nome confidencial.

4.3. Delimitação da Área de Pesquisa e escolha do local

A pesquisa teve como local o Colégio Técnico da UFRRJ (figura 1), sediado no Município de Seropédica, no Estado do Rio de Janeiro. A escolha do colégio se deu por vários

motivos. A começar pela proximidade com a universidade, fator que privilegia ganho em mobilidade para os envolvidos com a pesquisa, também pelo vínculo do colégio com a universidade que permitiu facilidade no aceite para que pudéssemos entrar no ambiente dos alunos, e ainda, de ter na instituição estudantes da faixa etária que procurávamos para a pesquisa.



Figura 1: Entrada principal do CTUR.

Fonte: <http://tecnicoemagropecuaria.blogspot.com.br/>

Os debates foram realizados numa sala de aula das instalações do CTUR. A disposição dos debatedores se deu em forma de U (figura 2), fazendo com que o moderador tivesse uma posição que facilitasse a condução dos grupos. A proposta de se realizar na própria instituição e em horário compatível, propiciou aos participantes fácil acesso, ambiente já familiarizado, além de minimizar o número de faltosos no momento dos debates.



Figura 2: Sala de aula durante momento de instruções para o grupo focal.

Fonte: Autoria própria, 11/2015

4.4. Sujeitos da pesquisa

Lervolino e Pelicioni (2001, p. 116) citam que no grupo focal, os “participantes são selecionados por apresentar certas características em comum que estão associadas ao tópico que está sendo pesquisado”. Para tanto, os sujeitos de pesquisa foram selecionados conforme disponibilidade, motivações e aceite dos termos éticos de pesquisa abrangendo alunos participantes e seus responsáveis (no caso de menores), sendo o convite feito de forma verbal. Salientando que não utilizamos critérios de seleção para participação, logo, estendeu-se a todos os pertencentes da turma. Participaram da formação do GF nove alunos (cinco meninas e quatro meninos), todos pertencentes à turma de terceiro ano do Ensino Médio (EM) (figura 2 e 3). O grupo selecionado por ser da mesma instituição e turma propiciou um ambiente favorável de descontração para a realização do Grupo. Os autores (Ibid., p. 117) também ressaltam a “importância de se evitar alocar em um só grupo, pessoas do mesmo círculo imediato de convivência ou que apresentem características muito contrastantes”. Tal orientação se deve ao fato de evitar que se criem constrangimentos na abordagem de alguns tópicos de discussão. A formação se deu por integrantes da mesma turma que não mantêm vínculos próximos fora da instituição, cumprindo a ressalva do autor em destaque. Selecionamos alunos de último ano do EM por serem os que apresentam médias de idade entre dezesseis e dezenove anos, fator que entendemos privilegiar os anseios, objetivos e resultados que a pesquisa pretende alcançar. Uma característica destes estudantes é que os mesmos, além de fazerem parte do Curso de Formação Geral, também cursavam Técnico em Agroecologia, fato que os levam a estudar em turno integral (manhã e tarde) na instituição.



Figura 3: Realização do grupo focal: Mediador e alunos.

Fonte: Autoria própria, 11/2015

4.5. Esquema para realização do Grupo Focal

- Etapa 1: Apresentação de proposta de pesquisa ao CTUR;
- Etapa 2: Convite, apresentação do projeto e distribuição dos termos de consentimento aos alunos interessados;
- Etapa 3: Recebimento dos termos de consentimento dos alunos, seleção e formação do grupo, apresentação dos membros do GF e orientações gerais;
- Etapa 4: Realização do Grupo Focal.

4.6. Esquema do método de investigação

Pesquisa Qualitativa;

Local: CTUR/UFRRJ, Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro;

Publico Alvo: Estudantes da 3ª série do Ensino Médio;

Etapa 1: Pesquisa bibliográfica descritiva;

Etapa 2: Pesquisa de campo; dinâmica em grupo e aplicação de entrevistas pela técnica do grupo focal;

Etapa 3: Análise dos discursos (preliminar);

Etapa 4: Transcrição e digitação dos discursos;

Etapa 5: Análise dos discursos;

Etapa 6: Resultados e discussões;

Etapa 7: Considerações finais.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

O Grupo Focal ocorreu satisfatoriamente utilizando o espaço físico de uma das salas de aula das instalações do CTUR seguindo minuciosamente o esquema planejado (Figura 3). Após a realização do grupo focal, os dados das questões chaves (discursivas) foram avaliados com base na análise dos conteúdos (BARDIN, 1998). Essa consiste em analisar as respostas fornecidas, dados brutos, por meio da sistematização e categorização de modo a obter grupos de dados que permitam significar essas informações. Assim, as falas dos participantes foram transcritas na íntegra para análise e reflexão do conteúdo catalogado.

O cerne da pesquisa se deteve no corpo e por meio dele a existência de um corpo modelo. As considerações sobre as falas destacadas no grupo focal foram relacionadas ao aporte bibliográfico com finalidade de responder aos anseios da pesquisa. As respostas foram descritas na forma de narrativas e através delas buscamos diálogo, elencando algumas categorias que, posteriormente, nos serviram para análises. Destacamos pontos relevantes que nos remeteram aos aspectos teorizados pelos autores. Seguimos a sequência de perguntas de acordo com os temas geradores, levando-se em conta as propostas das questões chaves, que seguiram como norteamento. Contudo, permitimos, no decorrer da aplicação do método, que outras questões surgissem respeitando o ponto de vista dos entrevistados. Os participantes tiveram liberdade para discorrer sobre o tema, não sendo exigido rigor no tempo e ordem de fala. As discussões transcorreram de forma a incentivar amplo debate, apenas demarcando início e término das questões chaves à medida que percebíamos que os relatos haviam se esgotado.

O tema por envolver assuntos relacionados ao corpo apresenta um grande furor para quem o debate. De acordo com Costa (2005, p. 78):

Poucas coisas, atualmente, entusiasma tanto os indivíduos quanto discutir sobre taxas de colesterol, posturas anatomicamente corretas, sensações de bem estar físico recém-descobertas ou alimentação saudável, livre de corantes químicos, agrotóxicos ou mutações transgênicas. O narcisismo triunfou sobre o esquema corporal, incorporando-o à dinâmica do gozo libidinal com a imagem ideal.

É com essa citação do autor que iniciamos as discussões e debate do grupo focal. Os resultados e discussões foram discorridos respeitando a ordem das falas dos atores envolvidos e seguindo a ordem dos temas geradores em forma de questões chaves (disponíveis no apêndice).

QUESTÃO CHAVE I - Desejos na estética corporal

A questão chave proposta descreveu a opinião do grupo sobre as vontades e desejos pelos corpos. Desejos de possuir um corpo que é difundido e explorado pelos veículos sociais.

1 - Considerando a afirmativa de que existe na atualidade um “modelo” de corpo, vocês concordam? Se sim, quais atributos o compõem?

Todos concordaram que existe sim, um modelo de corpo que é difundido socialmente. E que esse corpo por mais que seja imposto, não se acham forçados a segui-lo.

“Eu fico triste realmente por não ter esse corpo, mas fazer o quê?” (GF-5 – grifo nosso).

“Sim. Acho que existe um modelo de corpo mínimo e um máximo cada um vai ta agradando em uma certa quantidade” (GF-2 – grifo nosso).

“Não. Simplesmente porque esse modelo é imposto e não necessariamente temos que concordar. Concordo que exista sim, mas eu não necessariamente preciso aceitar para minha vida” (GF-4 – grifo nosso).

“Tem gente que não faz questão de agradar visualmente outras pessoas. Outras já fazem questão de chamar atenção e de serem parado na rua” (GF-2 – grifo nosso).

“Em algumas áreas de trabalho como atendimento voltado para estética, por exemplo, você tem um olhar voltado para eficiência do profissional por influência do corpo que ele tem. Daí as pessoas dizem que o cara não se cuida dele mesmo, como vai querer que eu faça o que ele quer?” (GF-1 – grifo nosso).

Costa (2005, p. 80-81) considera a corporeidade física como um “coadjuvante na formação do ideal de eu voltado primordialmente para a realização da felicidade conjugal e familiar ou do sucesso profissional artístico, científico, político, religioso etc.”. Considerada então como uma parceira dos processos do cotidiano social, o corpo privilegia, nas palavras dos alunos, uma importância fundamental nas suas vidas.

Após colocações da figura do corpo pelo grupo, foi criada a tentativa de construí-lo. Perguntando quais atributos o compõem? Fora respondido:

“Sarada, cabelo liso, ser branca” (GF-3 – grifo nosso).

“Bunda grande, peito grande” (GF-5 – grifo nosso).

“Não ser gordo é importante. Tem que ser meio termo, muito forte as mulheres não gostam” (GF-7 – grifo nosso).

Ao tentar construir o corpo modelo, fica exposta na fala dos participantes a influência de um padrão de corpo que passa a ser um guia, uma referência a ser seguida. E essa referência se dá a partir da moda e entretenimento, que atualmente se emanciparam e galgam um espaço privilegiado que ultrapassa valores que influenciavam as sociedades, como os “da autoridade familiar e seus substitutos, e fala em nome do gozo sensorial, do sucesso midiático, das recompensas social e sexual, sem relação com ascese sentimentais, morais ou espirituais” (COSTA, 2005, p. 85).

2 - Como percebem seus corpos? Dentro dessa lógica de corpo que acabaram de construir, estão muito longe, muito perto?

Um dos membros do grupo focal foi enfático:

“Eu posso começar a chorar? Longe demais, por isso estou tentando emagrecer. E quero emagrecer para poder fazer as coisas que eu gosto, sem me cansar” (GF-7 – grifo nosso).

“Tá muito longe” (GF 3, 4, 6, 9 – grifo nosso).

Esta narrativa do grupo focal reforça a constatação de que o corpo quando foge ao modelo se transforma em sofrimento para aquele que não o alcança, já que “o ego narcísico, sem poder ocultar a aparência do corpo, vê-se como nunca, acuado pela dor, humilhação e medo de não ser causa do interesse do outro.” (COSTA, 2005, p. 79). Este corpo considerado ideal está de fato relacionado aos meios de comunicação e todos os corpos “que se vêem fora de medidas sentem-se cobrados e insatisfeitos.” (WITT E SCHNEIDER 2011, p. 3910). Também presenciamos uma dimensão de saúde e qualidade de vida nos discursos na tentativa de emagrecer para a realização de tarefas do cotidiano.

“Eu não to muito longe, nem também tão perto. O corpo da gente deve ser o que a gente se sinta bem” (GF-1 – grifo nosso).

“Eu não me sinto bem com meu corpo, mas não tenho iniciativa de me alimentar bem e fazer atividade física. Ninguém se sente bem comendo alface. Eu tenho a consciência que não to feliz e poderia ser mais magra, mas também entrar numa academia e me cansar, não!” (GF-5 – grifo nosso).

O interessante nessa fala é que o participante atrela o sentimento de felicidade condicionado ao corpo. Fato que vai ao encontro das ideias de Sayão (2014, p. 133):

Cada sujeito então, na sua busca por consumir as promessas de felicidade associadas ao estilo de vida difundido pelo modelo em questão, procura adaptar sua rotina para que todos os momentos do seu dia a dia possam contribuir para alcançar os padrões identificados com o sucesso pessoal.

Como o sucesso do corpo passa a estar vinculado à felicidade pessoal cada vez mais a saúde passa a se valer de investimentos atrelados ao biótipo físico, como nos afirma Sabino (2002) ao revelar que representações de saúde, apesar de não serem meramente estéticas, cada vez mais têm sido relacionadas à ausência de gordura corporal e a músculos aparentes.

3 - Quais cuidados realizam ou realizariam nos seus corpos? Se não realizam, por quê?

“Sempre que eu tento me alimentar direito vem alguém e me chama pra comer algo” (GF-3 – grifo nosso).

“Na cabeça dos meus pais eu tenho que fazer unha, tenho que usar vestido, fazer o cabelo e eu não quero isso” (GF-5 – grifo nosso).

Em relação aos cuidados com o corpo algumas integrantes do sexo feminino se mostraram avessas às imposições da moda. O que para Sant’anna (1995, p. 129) vai contra as

ideologias impregnadas ao corpo modelo já que “recusar o embelezamento denota uma negligência feminina que deve ser combatida”.

“Eu acordo e nem me olho no espelho, me arrumo e venho pra aula, raramente me arrumo” (GF-4 – grifo nosso).

Os meninos no geral também alegaram que o fato de estudarem numa escola em turno integral denota um esforço acima do normal, o que justifica para eles o fato de não se sentirem enquadrados aos padrões de beleza. O que nos chama atenção, pois reforça a afirmativa de que “ vaidoso e vaidosa são as pessoas que, por definição, cuidam de si mesmas. Nos termos atuais: cuidam do corpo” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 9). Os discursos observados apresentam rupturas em relação ao modelo imposto, o que vai de encontro a contraposições do poder já que a tendência é a de aceitação e enquadramento.

“Quando tinha mais tempo fazia jiu-jítsu e natação. Muitas coisas que eu gostava de fazer eu me privei para estudar. Quando passei para o CTUR não tenho mais vida” (GF-8 – grifo nosso).

“Eu entraria na academia. Hoje faço capoeira e eu não bebo refrigerante” (GF-2 – grifo nosso).

“A gente não liga muito pra controlar alimentação porque temos o metabolismo acelerado, a gente come e não engorda tanto” (GF-2 – grifo nosso).

“Eu não ligo mais pra minha barriga, para meu corpo. Hoje eu penso em saúde” (GF-1 – grifo nosso).

Para um dos participantes:

“A sociedade nos impõe que temos que estar exuberantes, senão você não tá se colocando do jeito que a sociedade quer” (GF-1 – grifo nosso).

O que já o coloca num patamar de condizente com o que a sociedade impõe como nos afirma Foucault, justificando um mecanismo de controle estimulação, uma das muitas formas do poder atuar nos corpos da atualidade. Para o autor o poder age de forma consentida para obter motivação dos indivíduos em quererem fazer parte da busca por um corpo da moda.

Entrando no tema cuidados com o corpo, o grupo começou a dialogar sobre o universo do ambiente das academias de ginásticas. Para Costa (2005, p. 166) “cuidar de si deixou de significar, prioritariamente, preservar os costumes e ideais morais burgueses para significar ‘cuidar do corpo físico’”. Ao abordar sobre os comportamentos exigidos dentro de tal ambiente os participantes apontaram:

“A questão da saúde é mais direta que o normal, por que uma coisa que o pessoal da muita importância é o corpo, é a saúde. Quando você olha e tal você logo percebe: caramba tão me olhando, tão me discriminando. Aí você fala: será que meu cabelo tá legal? Será que eu to legal? Será que eu não to me comportando como deveria? Aí você acaba saindo, ah aqui não é meu lugar. Então você nunca volta. Acaba desistindo” (GF-1 – grifo nosso).

“Eu não vou entrar numa academia com um monte de gente tipo sarada e marombeira... Eles te olham esquisito quando você não tem uma bunda grande, um peito grande ou se é não é magro” (GF-5 – grifo nosso).

“Eu queria fazer, mas que impressão que vão ter de mim?” (GF-8 – grifo nosso).

“A pessoa fala assim: cara o que eu to fazendo aqui? Não tá dando resultado. Aí a pessoa desiste” (GF-9 – grifo nosso).

Os entrevistados em suas narrativas se colocam numa posição de vítimas do preconceito por não se sentirem com o tipo físico parecido com os do grupo que frequenta espaços de culto ao corpo. Fato que aponta para o reconhecimento de uma aparência estereotipada, que os mesmos alegaram, anteriormente, não seguirem, mas que caem em contradição ao discursarem que se sentem incomodados com o julgamento de reprovação de suas aparências ao terem quando freqüentam espaços públicos em que o culto ao corpo é supervalorizado.

Tal fato descrito acima pelos alunos já denota que num ambiente de culto ao corpo, como as academias de ginástica, por exemplo, o corpo é a ferramenta a ser usada com afincos para a sua produção para que venha a merecer a atenção do outro, já que somos convocados “ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo precisamos de seu olhar, precisamos ser percebidos, senão não existimos” (ORTEGA, 2008, p. 44).

QUESTÃO CHAVE II - Saúde ou doença: o corpo como instrumento enraizado de significados

A Questão chave II pretendeu fazer um paralelo entre saúde e doença, considerando o corpo (com o crescente apelo estético), como um espaço privilegiado de significados que podem criar falsas caracterizações no campo da saúde.

1 - Quais sacrifícios fariam para ter o corpo perfeito (dietas, procedimentos estéticos, atividade física, academia de ginástica, etc.)

Sacrifício está sendo aqui entendido como qualquer ação que foge a rotina, algo que requer mudança no cotidiano, identificado como um investimento a curto, médio e longo prazo, tendo como objetivo a busca incisiva pelo padrão de corpo, ainda que essa mudança não apareça de forma explícita e clara, mesmo para o próprio sujeito.

Todos disseram que já fizeram dieta em algum momento, já demonstrando que “as regras de satisfação da identidade ideal têm no prazer das sensações um de seus ingredientes fundamentais” (COSTA, 2005, p. 89).

“Sem dúvidas. Faria caminhada todo dia de manhã” (GF-2 – grifo nosso).

“Eu faria procedimento estético. Tenho amigas que não gostam de maquiagem, já eu não consigo sair sem” (GF-3 – grifo nosso).

“Eu não consigo viver sem maquiagem pra sair de casa” (GF-4 – grifo nosso).

“A gente têm que começar com uma coisa pequena, caminhar meia hora. Faria uma atividade física, não faria procedimento estético. Não faria nada muito louco. Já faço dieta, não bebo, não fumo, não cheiro” (GF-5 – grifo nosso).

“Tomaria remédio, eu tomaria alguma coisa” (GF-7 – grifo nosso).

“Primeiro a pessoa deve ter força de vontade. Eu só faria procedimento estético em caso de risco à saúde mesmo” (GF-8 – grifo nosso).

“Gosto muito de usar salto alto. Mas porque tenho um metro e meio. Eu tenho a necessidade de me sentir com aquele tamanho” (GF-4 – grifo nosso).

Percebemos com esses discursos que todos estão dispostos a fazer algo que cause certo transtorno de alguma ordem para poder se sentirem aceitos, uma vez que “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (ORTEGA, 2008, p. 47). Ser um “tipo”, não fumar, não beber, não cheirar, ter força de vontade, tomar medicamentos, não viver sem algum acessório da moda, dentre outras de atividades que seriam até tempo atrás considerado sacrifícios, atualmente se naturalizam, viram atributos de um ideal de vida feliz. “O culto ao corpo vem produzindo uma obsessão pela forma e pela saúde, que se transformou em uma verdadeira hipocondria cultural” (COSTA, 2005, p. 131). Um participante expôs um diálogo interessante sobre as consequências do corpo perfeito e apontamentos que culminam no campo da doença:

“Tá tão pesado na cabeça das pessoas essa necessidade de ter um corpo perfeito que elas se jogam no escuro, se jogam em qualquer coisa pra conseguir aquilo. E no final das contas elas acabam ficando piores do que estavam antes. Porque dá errado, elas morrem, perdem parte do corpo aí a autoestima vai lá embaixo, cai em depressão e aí você não tem mais pra onde voltar” (GF-5 – grifo nosso).

“Uma coisa é resolver um problema físico, outra coisa é resolver um problema mental. Quando vai pra cabeça da pessoa e ela entra em depressão por causa disso, acabou. Não têm mais jeito” (GF-5 – grifo nosso).

Sentir-se bem fisicamente, ter força, um belo corpo é equivalente, atualmente, aos valores e qualidades de sabedoria e conhecimento de tempos anteriores, ou como observa Ortega:

Predicados mentais, como vontade, são definidos segundo critérios materiais e corporais: vontade ou fraqueza de vontade obtém um referente fisicalista, força e falta de vontade referem-se exclusivamente à tenacidade e à constância, ou a debilidade (desânimo) e à inconstância na observação de uma dieta, na superação dos limites biológicos e corporais, entre outros.(ORTEGA, 2008, p. 43).

Em seguida, numa tentativa de se criar uma identidade a este modelo de corpo, foi perguntado ao grupo, quais seriam os indivíduos considerados modelos de beleza para eles.

Modelo de homem para os meninos (imagens no anexo A): Caio Castro (ator – 26 anos), Cristiano Ronaldo (jogador de futebol internacional – 30 anos), Reinaldo Gianechini (ator e modelo – 43 anos). Para meninas do grupo, o último citado está fora do modelo por ter perdido a jovialidade. Fato curioso, pois já aponta uma necessidade fabricada pela indústria da beleza implementada pelas instâncias do poder em se manter jovem. A tendência em se manter jovem ou pelo menos retardar ao máximo a velhice faz parte de um projeto que faz dos sujeitos reféns da aparência. O que comprova que este modelo de manutenção da jovialidade já esta sendo observado nos discursos dos entrevistados.

“O Caio Castro é uma pessoa que tá na mídia 24 horas, se bobear em toda as novelas da Globo e tal, de tarde, até nove horas da noite. Então você tá vendo aquela pessoa ali o dia todo quando tá disponível em frente a TV. E o cara tá preparado pra te induzir, alguma coisa, te fazer achar bonito e tudo mais. Então a questão do tempo, de idade e por ser jovem e tá fazendo um papel na novela que inclui mais jovens que idosos ou idade mais em cima. Eu acho que isso interfere bastante e isso leva as pessoas mais jovens a desejarem ser desse tipo” (GF-1 – grifo nosso).

Analisando estes modelos nomeados pelos participantes, percebemos que os mesmos são todos indivíduos que estão estampados em revistas, na TV, no cinema, no rádio, ou seja, fazem parte de um ideal de beleza a ser conquistada por serem os visíveis pela grande parcela da população.

O universo feminino da beleza, sem dúvidas agrega uma necessidade cultural bem mais divulgada e consentida que a masculina. Na atualidade percebe-se, analisando os discursos da grande massa, referências de “mulheres belas aconselhando outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando-lhes como é bom, fácil e importante se fazer bela” (SANT’ANNA, 1995, p. 128), através de formas, formatos, truques de maquiagens, tipos de exercícios, etc..

Assim, perguntados qual era o Modelo de mulher (imagens no anexo A) fora respondido: Taís Araújo (atriz -37 anos), Paola Oliveira (atriz – 33 anos), Mikaela Reis (atriz e modelo internacional – 27 anos).

“Taís Araújo. Se eu tivesse aquele cabelo eu tinha esquecido de querer ter cabelo liso” (GF-5 – grifo nosso).

Notadamente, a fala de um participante nos chama atenção ao revelar que em troca de um cabelo igual à de uma atriz famosa, ela optaria em não ter o cabelo que sempre quis ter na

vida. Dessa forma, percebemos que os discursos baseados nos desejos mudam repentinamente à medida que as novas referências surgem: “queremos ser iguais para nos protegermos, nos escondermos. Ou somos idênticos, ou nos denunciemos” (ORTEGA, 2008, p. 45). O que demonstra ruptura ao modelo imposto socialmente, que é o de ter cabelo liso, em troca de uma nova beleza, que também atrai pelo fato de ter vinculação com a fama.

Essa passagem nos chama atenção, pois os gostos hoje não mais importam, pois estão atrelados ao desejo impulsionado pela mídia. Segundo Costa (2005, p. 166) “estar feliz não se resume mais a se sentir sentimentalmente repleto. Agora é preciso também se sentir corporalmente semelhante aos ‘vencedores’ aos ‘visíveis’, aos astros e estrelas midiáticos”.

Possuir ou pelo menos tentar chegar perto de semelhanças corporais de famosos torna-se desejo da maioria. No discurso dos alunos percebemos que seus desejos não mais importam. Importa, sim, ter características que lhe rendam elogios, que os façam parecer seus ídolos. Com a disseminação de ferramentas que prometem conquistas de beleza com o auxílio de profissionais da área de estética e de produtos que prometem resultados milagrosos, os desejos passam a ser realizáveis, desde que se tenha recursos financeiros, tempo, força de vontade e disciplina. São eles que passam a ser as qualidades desejáveis para se ter felicidade, pois com eles, a conquista da beleza torna-se realizável.

2 - Como vocês relacionam esse modelo de “corpo perfeito” com a questão da saúde? Estão em sincronia?

Na opinião do grupo, não estão em sincronia, você pode ter um corpo dito como perfeito, mas não ter saúde, alcançando-o através de recursos como anabolizantes, dietas sacrificantes ou injeções de substâncias danosas ao organismo humano.

“Não” (GF-1,6 – grifo nosso).

“Não, tem como ter os dois juntos e tem como ter os dois totalmente sobrepostos. O homem que toma bomba e injeta óleo mineral e hormônio de crescimento pra poder ter músculo, aí para de malhar e murcha tudo aquilo. E a pessoa que consegue ter aquilo da forma, digamos assim, honesta, que é malhando e se alimentando direito” (GF-2 – grifo nosso).

“Não. E é uma escolha da pessoa. Se ela escolhe não comer e quer continuar magra, é triste, mas infelizmente é uma opção. Ela quer ser modelo, quer ser magra, escolheu aquela vida. Então é uma opção. Infelizmente a gente tem que lidar com isso” (GF-3 – grifo nosso).

“Não, tem aquela forma que demora um ano, e aquela que demora um mês. A pessoa fica um ano pra chegar naquele corpo e a outra em um mês chega naquele corpo” (GF-5 – grifo nosso).

“Não. Todo mundo fica citando essas coisas de bombas de coisa, todo mundo esquece a parte nossa feminina. Na nossa parte feminina, muitas mulheres deixam de comer, de se alimentar, fica comendo algodão, comendo menos coisas que age no corpo também só pra ficar magra. É uma coisa tipo: Ela não tá tomando medicamento e tudo mais, mas ela tá se privando de muitas coisas. Hoje em dia tem muitos casos de ex-modelos que são anoréxicas e não conseguem andar, senão vão morrer. Esses dias eu vi na internet uma mulher que pesava quase 20 quilos” (GF-4 – grifo nosso).

“Não, depende dos meios que você vai usar pra atingir o corpo perfeito” (GF-7 – grifo nosso).

“Não, porque tem a forma demorada, que você consegue malhando e aquela instantânea” (GF-8 – grifo nosso).

Tendo em vista os apelos estéticos, os alunos começaram a discorrer críticas sobre a preocupação cotidiana da estética. Segundo um participante tal fato chega a ser considerado a “alegria da vida” (GF-3 – grifo nosso).

“Conheço pessoas que escolheram esses procedimentos (estéticos) e foram prejudicadas e tal, e estão na cadeira de rodas” (GF-1 – grifo nosso).

“Tem gente que nunca tá satisfeita. Tem gente que quer um modelo de corpo e fica correndo atrás daquilo. E ela nunca tá satisfeita. Por mais que ela escute de todo mundo que ela tá ótima, na cabeça dela ela não tá. E ela vai continuar fazendo o possível e o impossível pra poder mudar aquilo” (GF-4 – grifo nosso).

“Ninguém é idiota suficiente pra tomar uma coisa e achar que tudo vai ficar bem, ele vai ficar forte sem nenhum efeito colateral. A pessoa tem que ser muito esnobe, só acredita quando acontece, mas realmente, mais pô, ninguém vai no cego, a pessoa não vai fazer sem ter consciência com o que pode acontecer com o corpo dela. Ela tem que estar pronta para as conseqüências”(GF-5 – grifo nosso).

“Hoje em dia com a internet você consegue ter acesso a qualquer coisa e saber sobre qualquer coisa. Você pode ver foto, você pode ver vídeo, você pode ver depoimentos de pessoas que fizeram aquilo e se deram mal. Você vai naquilo ali se você quiser” (GF-5 – grifo nosso).

“A composição das coisas em si, você vê assim: ah, tem umas substâncias que você não sabe, mas que faz você ficar grande. Mas aquelas substâncias são cancerígenas. E o efeito só vai ser acarretado daqui a dez anos. Então como você pode saber. Então, quando você usa esses métodos rápidos, assim, você quer ficar bonito rápido, mas você tem que entender que você está encurtando seu tempo de vida” (GF-8 – grifo nosso).

“De repente pode até desenvolver um surto né? Assim, a anorexia é uma doença. A pessoa é magra, tão magra, mas acha que nunca tá perfeita. Acaba que o psicológico dela tá tão abalado e ela vai utilizar métodos pra poder ficar magra, magra, magra e daqui a pouco quando você vê as pessoas vão ver e dizer: nossa, você tá horrível, tá um esqueleto. Mas pra ela, ela tá gorda. E daqui a pouco assim, a pessoa morre”(GF-8 – grifo nosso).

Nota-se baseado em ideias de Costa (2005, p. 192) que o interesse pelo corpo exacerbou “a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade, e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados”.

Ao entrar no debate das consequências do uso indiscriminado do corpo, o grupo utiliza conceitos como anorexia e bulimia. Para Le Breton (2009, p. 51): A anorexia chega a ser considerada estratégia inconsciente para existir apesar das circunstâncias. “Ela chega até a ser reivindicada por inúmeros sites da internet como uma filosofia de existência, uma arte de viver, a busca de um corpo perfeito, com exclusão do sexo”.

Já bulimia seria um desregramento da capacidade de controle do apetite. “Ingestão selvagem, impulsiva, de quantidades de alimento ao ponto de ocorrerem a dor e o vômito, deixando o indivíduo desgostoso consigo próprio” (Idem, p. 51).

Costa (2005, p. 231) considera esses transtornos como fisiculturismo compulsivo, as bulimias, as anorexias, as compulsões por próteses ou cirurgias estéticas repetidas e arriscadas como “sequelas da tentativa malograda de tomar posse do corpo espetáculo”.

Sobre uma posição de pressão para ter e fazer parte desse grupo de pessoas que apresentam uma aparência que é valorizada, o grupo respondeu:

“É uma opção, os danos todo mundo conhece. Está estampado”. (GF-5 – grifo nosso)

“Ela sabe que ela está errada. Mas a pressão da sociedade em cima dela é tanta que ela não para pra pensar nisso” (GF-9 – grifo nosso).

“Assim, é igual ao cigarro. Você sabe que faz mal. Esta ali bem estampada as causas, mas mesmo assim você usa” (GF-8 – grifo nosso).

“Pra quê você quer experimentar uma coisa, se aquela merda faz mal. Sem não ter nenhum motivo, sem nenhum distúrbio assim: ah eu to maluco. Pra quê? Ai a influência fala: ah eu uso, já provou? É legal” (GF-9 – grifo nosso).

“Sobre a pressão da sociedade, eu acho que ela atinge todo mundo de uma forma igual. Sabe ela atinge a gente e atinge também a pessoa que usa anabolizante. Porque a gente aqui não faz e ela faz? Sabe, é uma questão da cabeça da pessoa também. Ela vai fazer o que? Ela vai fazer merda sabendo que vai dar problema e vai dizer que a sociedade é que tá me pressionando pra fazer isso. Querido, você faz porque você quer” (GF-5 – grifo nosso).

“Se eu sei que eu não preciso daquilo, porque eu vou ser maria vai com as outras?” (GF-2 – grifo nosso).

“Nós nascemos pra poder lutar contra o mundo, contra as pessoas e contra nós mesmos. Se eu tenho a minha ideia de que eu não sou uma pessoa genérica, eu vou conseguir saber o que é ser bom pra mim, seja ser gostoso, seja ser gordo, seja ter saúde, seja procurar meios pra ficar bonito, ficar com a saúde afetada, seja qualquer coisa, é tudo do seu psicológico. Você tem que saber o que você é e o que você precisa” (GF-2 – grifo nosso).

O grupo acredita em unanimidade que a busca pelo corpo perfeito e os riscos atrelados a esta busca, que ultrapassa o campo da saúde é fruto de um caminho pautado pelo livre arbítrio. Consideram uma escolha infeliz do sujeito que segue o caminho de recursos danosos em prol de uma pressão social. Mas caem constantemente em contradições nas suas falas. Afirmando, por exemplo, que os indivíduos fazem suas escolhas sabendo dos malefícios, como uso de substâncias e atitudes nocivas, tais como bulimia e anorexia, porém, em outros momentos alegam que estão dispostos a seguir rituais para atingirem um corpo belo. O grupo, por mais que seja contra o uso de algo que apresente riscos a saúde, acaba por ser condizente com as influências que os padrões de corpo disseminam socialmente. Mesmo mostrando-se constantemente insatisfeitos pela imposição em padronizar modelos de corpo, aceitam esse clamor pela estética ao tentarem se adequar a esses modelos.

QUESTÃO CHAVE III - Beleza corporal e sua relação com o convívio social

Já a questão chave III, relaciona o corpo belo e suas implicações no dia a dia da vida em sociedade. Apontamentos como preconceito e o enaltecimento pela beleza podem carregar qualidades desejadas socialmente. Como se ela, a beleza física, indicasse os níveis de inteligência, eficiência, justiça, saúde e felicidade.

1 - Já presenciaram ou sofreram atos preconceituosos/*bullying* relacionados ao tipo físico?

O preconceito ainda nos dias atuais é tabu a ser discutido. O grupo ficou eufórico e narrou alguns relatos relacionados ao julgamento baseado na aparência:

“Me chamavam de botijão, de rolha de poço” (GF-7 – grifo nosso).

“Eu quando era criança fazia balé, só que eu era uma menina gordinha. Então o que você imagina? As outras meninas eram magrinhas e ficavam olhando pra mim. E as pessoas diziam, ah você é gordinha, não pode fazer balé. Você tá muito roliçinha. Aí tipo, toda vez que chegavam pessoas na minha casa e me perguntavam o motivo pelo qual eu deixei de fazer balé, eu chorava, eu me batia, eu tentava prender a minha barriga” (GF-3 – grifo nosso).

A inadequação do corpo se tornou objeto de um impiedoso preconceito que cria nos envolvidos um sentimento de culpa. Segundo Fischler (1995, p. 75) “na vida cotidiana, o gordo deve transigir com o grupo no qual se insere, sob pena de ser rejeitado”.

“Eu já sofri muito. É sério! Eu sempre fui raquítica, sempre fui magra assim. Ah e diziam que meu cabelo era lindo porque era liso. Mas eu nunca quis ter cabelo liso. De verdade! Eu acho lindo ter cacho. Então isso vai muito da pessoa. Eu não queria ser branca” (GF-6 – grifo nosso).

“Eu não gosto de quando olham para o meu cabelo e falam: olha essa juba” (GF-5 – grifo nosso).

“Quando eu chego no restaurante as pessoas falam: como é que cabe tanta comida dentro dessa pessoa” (GF-9 – grifo nosso).

Todos responderam que sim quanto a vivência do preconceito, seja individualmente ou assistindo a episódios de preconceito a outrem. Também relataram cometerem atos de preconceito entre si. A ideia que se passa é a de que todos estão insatisfeitos com o julgamento do outro. Para um dos participantes, visivelmente o mais afetado pelo tipo de pergunta:

“É diferente você praticar um bullying com um amigo” (GF-7 – grifo nosso).

“Por mais que você tenha consciência que seus amigos falem, quando vêem alguém de fora é uma coisa que te atinge. Porque seus amigos quando falam é na brincadeira, já quando é alguém de fora é pra te magoar, é pra te atingir” (GF-5 – grifo nosso).

Perguntado propositalmente para o aluno tido como bonito pelo grupo se ele já havia sofrido *bullying*, todos riram e disseram que ele nunca deveria ter sofrido. E pela surpresa do grupo, ele respondeu:

“Já sim. por eu ter lábios finos. Mas eu acho que zoação entre amigos, nem é bullying não” (GF-2 – grifo nosso).

“O problema é que para algumas pessoas isso pode parecer comum. Você passar na rua e a outra falar o gordinho, o gordinho, me da licença aí. Tipo, mesmo sendo uma coisa natural eu não gosto de uma pessoa de fora que eu não conheço me chame de gordinho, eu não dou essa liberdade” (GF- 7 – grifo nosso).

Seja gordo, magro, cabeludo, tatuado, negro, branco, o julgamento baseado na forma física ou na aparência causa revolta. Segundo Costa (2005, p. 199) existe uma crise entre os que apresentam uma aparência inadequada e até mesmo para os que são símbolos de desejos por terem a aparência ideal:

Se nos sentimos bem com a nossa forma física, tememos que o outro nos inveje por não ter alcançado o que alcançamos; se nos sentimos mal, ele é um suposto acusador, que nos humilha pelo simples fato de encarnar a norma somática que lutamos, encarniadamente, para corporificar.

O grupo ao discorrer sobre preconceitos observados com outros revelaram:

“Em restaurante quando uma pessoa com o corpo um pouco mais avantajado vai pra perto da comida e tal, o pessoal fica olhando de lado pra ver a quantidade de comida que ele vai pegar e tal. E fala: olha o tanto que ele come” (GF-1 – grifo nosso).

“Quando você vê uma pessoa gordinha e tal, você logo classifica: Ah final de semana só come hambúrguer, só deve ir em churrascaria, só come pizza. Ah esse aí não se alimenta bem. Mas não sabem que isso talvez pode ser uma coisa da pessoa. Alguma doença no corpo dela que ela não consegue emagrecer” (GF-1 – grifo nosso).

Segundo um participante, há o preconceito relacionado à aparência até no mercado de trabalho. Aqui relacionado a algumas lojas de roupas, que, para contratarem:

“Eles só pegam pessoas que eles acham que sejam bonitas. Se você vai lá gordinha e com o cabelo igual ao meu mais ou menos e você vai lá entregar o currículo. Eu duvido que ela vá olhar o seu currículo” (GF-5 – grifo nosso).

Em relação a reparar ou não nos outros, um participante foi enfático:

“Todo mundo repara, não da pra ser hipócrita, e falar: ah, eu nunca reparo nas pessoas. Todo mundo faz um comentário, todo mundo julga, mesmo que inconscientemente. Agora, se é uma coisa que te chama atenção você vai comentar com um amigo” (GF-5 – grifo nosso).

O preconceito, longe de acabar, faz parte do jogo das relações sociais. É ele quem acaba pelo seu poder influenciador sugerindo como as pessoas devem viver para serem aceitas já que o sentimento de frequente insatisfação é elo que se agrega ao constante julgamento do outro para fazer da busca ao corpo do sucesso o caminho da felicidade. Ele emerge do processo normalizador, pois a referência é o padrão imposto, e numa ótica foucaultiana o mesmo entraria como um dispositivo de controle que classifica, hierarquiza e disciplina na tentativa de promover uma mudança de adequação ao padrão ou até mesmo uma exclusão social. Assim, ficou claro nos discursos que as imagens visuais significam status na

sociedade. Vinculada a esta imagem percebemos indicadores facilitadores, como emprego, relacionamentos, e até aceitação em grupos. Como também o oposto, caso a imagem não agrade, o julgamento pelo diferente ou novo é evidenciado seja por não conter características de modelo, por ser novidade ou pelo apelo de rejeição, por conter atributos que fogem as expectativas fruto das imagens de beleza.

2 - Vocês acham que ter um “corpo ideal” favorece as relações sociais? Como?

Devido ao lugar de importância que o corpo se apresenta na atualidade, a pergunta teve a premissa de estabelecer um diálogo aberto sobre a relação do corpo destaque com as relações entre os indivíduos em sociedade, compreendendo trabalho, amizades e relacionamentos afetivos. Já que, principalmente entre mulheres, a exposição pública de seus corpos permite “uma maior mobilidade social e profissional” (COURTINE, 1995, p. 98).

Opiniões que favorecem:

“Claro, até no trabalho. Tipo assim você julga a pessoa por uma característica. Ou seja, se ela é bonita, ela é inteligente, competente, sabe administrar a empresa ou é um ótimo vendedor” (GF-2 – grifo nosso).

“Em lojas, há algumas que exigem um certo perfil do vendedor. Por exemplo, quem tá na loja vendendo skate, tem que ser jovem, escutar rock e tal” (GF-2 – grifo nosso).

“Até mesmo recepcionistas. Você não pode ver nenhuma recepcionista que não seja maquiada” (GF-8 – grifo nosso).

“Tem umas lojas de roupa finas, brincos, assim, que são mulheres que trabalham em ar-condicionado e totalmente maquiadas” (GF-2 – grifo nosso).

E o oposto:

“Eu já vejo ao contrário. Se eu vejo uma mulher toda sarada, eu sinceramente julgo que ela não é inteligente” (GF-5 – grifo nosso).

“Se eu vejo uma pessoa bonita, eu acho logo que ela não pode ser séria. Não pode ser bonito e inteligente ao mesmo tempo” (GF-8 – grifo nosso).

Tanto a opinião dos que favorecem quanto ao do oposto, nos mostram que os discursos são cercados por idéias padronizadas relacionadas ao corpo. O indivíduo belo é taxado por preguiçoso intelectualmente e, em contraste é até valorizado em ambientes em que o visual é a única forma de julgamento. Atributos que frequentemente não se relacionam (inteligência, dinamismo, pontualidade, compromisso com o trabalho, etc.) ao físico passam a ser desvalorizados nas relações sociais e postos em segundo plano. O que nos mostra que a aparência é forte elemento nas relações, e confirmam as idéias de Azevedo et. AL (2012) que vai nos dizer que na aparência são transmitidos significados e seus resultados são transmitidos também no caráter de transformação pessoal.

Os alunos citaram dois exemplos de viagens que fizeram (São Paulo e para o Sul) para visitar uma Feira exposição de agronegócios, ramo de suas áreas técnicas de formação no CTUR, em que ficou evidente o papel do corpo nas relações de trabalho.

“Todo estande tem uma mulher maravilhosa. Essas feiras do nosso ramo elas têm isso. Em todo estande uma mulher magra, bonita, de cabelo liso” (GF-9 – grifo nosso).

“No sul a gente viu que todas as meninas geralmente têm olhos azuis, são loiras. Cada estande tem. E isso chama atenção. E como nessas feiras a maioria das pessoas que

vão pra comprar são homens, porque o agronegócio é um ramo masculino. Cara, se você não colocar uma mulher bonita no estande ele fica vazio. Então eles usam a mulher só pra chamar atenção. Elas não têm nenhuma outra função. Elas não davam panfletos, não explicavam, não sabem como funcionam nada. Estão ali só pra chamar a atenção” (GF-5 – grifo nosso).

Essa passagem evidencia o importante papel assumido pela imagem, para um evento ter sucesso, indicando a necessidade de ter forte apelo de marketing no seu entorno, e o corpo belo entra nesse cenário como mais um objeto a ser explorado a fim de atrair para as rodas sociais o esperado sucesso.

Analisando as respostas da pergunta 2 percebemos o importante papel do corpo no cenário contemporâneo. O grupo foi preciso ao destacar aspectos positivos e negativos que a aparência pode atribuir nas rodas sociais. Assim, “se sentir mais confortáveis e seguras nos relacionamentos em geral passa a ser consequência direta da imagem que se projeta para si e para o mundo, como se apenas a imagem fosse suficiente para nos dar esse conforto e segurança” (FERREIRA, 2011, p. 2377).

O que vai ao encontro das afirmativas de Costa (2005) quando afirma que a imagem do corpo espetáculo é importante fator na busca de uma autoidentidade para os que desejam viver no anonimato, bastando para eles uma única saída longe de cobranças. Nela os indivíduos são convocados a buscarem o desaparecimento do campo do olhar do outro através da invisibilidade advinda de uma massificação, ou seja, de uma similaridade da sua imagem com a do outro, ficando assim, livre do julgamento negativo, já que, se todos são iguais, todos são aceitos.

QUESTÃO CHAVE IV– Exercícios físicos e seus objetivos na prática regular

A questão IV versa sobre os porquês das práticas sucessivas de exercícios físicos e seus verdadeiros interesses na execução. Com o “boom” das ginásticas, pra que e porque seria tão interessante exercitar-se na atualidade?

1- Vocês praticam exercícios físicos regularmente? Com quais objetivos?

“Sim. Eu sou uma pessoa bastante agitada, gosto sempre de estar fazendo alguma coisa. Não gosto de ficar parado. Gosto de andar de bicicleta, jogar futebol” (GF-1 – grifo nosso).

“Objetivo de mais saúde. Eu sou cardíaca, então eu tenho que fazer exercícios. Se eu não fizer, qualquer coisa que for fazer no dia a dia passo mal. É como uma necessidade básica, tanto também que eu também tenho a noção que faço por necessidade minha estética, mas faço mais visando saúde” (GF-4 – grifo nosso).

“Não pratico. Eu olho pra mim assim e falo: eu sou uma pessoa cansada, eu subo uma escada meu coração acelera, meu joelho dói, acontece tudo” (GF-9 – grifo nosso).

“Não. A minha mãe é o oposto de mim. Ela faz zumba, musculação. Tem até uma esteira na cozinha. Ela sempre diz que é hábito, que no início você não gosta, seu corpo rejeita e você sente muita dor, mas depois sei lá, um mês fazendo, você sente necessidade de dar continuidade aquilo e começa a gostar” (GF-5 – grifo nosso).

“Não regularmente. O objetivo é mais de conhecer outras atividades. Me interessei pelos esportes. Pratiquei jiu-jitsu e não gostei, agora eu pratico capoeira porque eu gosto” (GF-2 – grifo nosso).

“Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos, poderia ser o slogan deste mercado do corpo” (GOLDENBERG, 2002, p. 09). Na tentativa de responder as perguntas da prática de exercícios físicos, após análise dos discursos constatamos que os participantes veem os exercícios não apenas como forma de promover saúde, mas também muito atrelada à estética e gosto pessoal.

O poder estimulação revelado por Foucault nos ajuda a entender a questão. Quando associamos as suas teorias com o relato dos alunos percebemos as múltiplas práticas de atividades físicas que existem, e um lema disseminado de que não importa a atividade empregada, e sim em estar fazendo uma atividade física como uma necessidade muito além da sua mais importante. Logo, a saúde é tratada como secundária.

Percebemos que sob a tutela da saúde, o produto resultante da prática de atividades físicas (que no caso seria um corpo adaptado ou popularmente chamado de “sarado”, oriundo das cargas de exercícios praticados regularmente sob os corpos) passa a ser motivo de cobiça pelas pessoas. Ter uma esteira na cozinha, problema cardíaco, ou negar-se a fazer atividade física, por exemplo, geram sentimentos de aproximação ou distanciamento, não mais da saúde, pois a mesma tornou-se secundária. A preocupação evidenciada nos discursos é a de não ter um corpo que agrada aos olhos, o medo é pela rejeição de seus corpos, como nos revela Foucault, que para que seja exibido, os mesmos devem cumprir as exigências do poder, ou seja, bronzeado, sarado, malhado, fitness, da boa forma. Os alunos mesmo dizendo que o motivo das suas práticas tem relação, a priori, com a saúde, deixam ao longo do grupo focal, impressões nos seus discursos de que os sentidos de uma aparência estética agradável são seus reais interesses.

QUESTÃO CHAVE V - Impressões finais, comentários e pontos importantes não abordados na visão dos estudantes.

Por fim, nesta questão chave, os participantes tiveram o espaço livre para fazerem indagações sobre tópicos novos (não abordados) ou sobre os antigos.

1 - Debate Livre

Iniciando o tópico livre, um dos participantes deu sua contribuição fazendo um apanhado geral do que pensa sobre o tema chave da pesquisa:

“Eu acho que, falando no geral, a aparência influencia pra caramba. Eu acho que ela atrai pra caramba também. Acho que as atenções se voltam para quem é o mais bonito. E nós queremos, eu pelo menos quero me relacionar com pessoas mais bonitas quando visio algum relacionamento. Quando é algo profissional tanto faz pra mim a aparência, basta a eficiência da pessoa. E quando uma coisa é voltada para uma pessoa mais bonita, todos tendem a julgar mais. Pô, uma garota tão bonita e faz isso. Agora, nego fez isso e roubou. Ah, mas é preto, já é feio. Agora se é um cara que faz aquilo ali e tem uma classe social e é bonito: caraca olha lá aquele maluco, olho verde, branco. Ele destruiu a vida dele fazendo aquela coisa lá, entendeu? Isso influencia pra caramba” (GF-2 – grifo nosso).

Este relato faz uma crítica ampla ao significado de aparência para os participantes do grupo focal. Nela percebemos a real função da aparência: a de facilitadora das relações sociais. Trazendo uma contribuição acerca do tema, Costa (2005, p. 192) aponta um ponto de vista que caracteriza bem essa transição da forma que o corpo foi sendo almejado ao longo dos séculos:

A realidade corporal jamais foi tomada em sua nudez material como algo digno de ser cultivado com propósitos morais. Queríamos ter saúde ou longevidade para cumprir tarefas familiares, sociais, religiosas, sentimentais ou outras. Nunca, entretanto, havíamos imaginado que a forma corporal pudesse ser garantia de admiração moral.

Tal passagem já demonstra o potencial formador de identidades que o corpo foi tomando, fato que outrora era inimaginável de se pensar, atualmente marca uma nova maneira de se relacionar socialmente. Destacando a beleza, outros participantes revelaram:

“Eu acho que a beleza esta nos olhos de quem vê. Eu acho que isso é muito relativo, eu posso achar alguém bonito e alguém achar a mesma pessoa feia” (GF-3 – grifo nosso).

“Eu amo homem com dread, tatuagem e aquela barba serrada, serrada, sabe? Aquela coisa que lembra homem sabe? Agora aquela coisa de menininho, rosto de bebê, da vontade de botar no colo e levar pra casa, como um filho” (GF-6 – grifo nosso).

“Eu queria que meu filho tivesse cabelo liso pra ele não sofrer o mesmo preconceito que eu” (GF-5 – grifo nosso).

É visível que os discursos se baseiam em tendências da moda, e que num futuro próximo o desejo atual pode ser desqualificado e rapidamente cair no desgosto, devido a um novo pedido do mercado da moda. O que é destacado por Ortega (2008), quando afirma que as vontades estão associadas não a liberdade, mas sim como serva das tendências (ciência, causalidade, necessidade, etc.) que acabam por eliminar a espontaneidade e liberdade do

pensar e agir. Ao classificar um tipo de homem desejado ou um filho, percebemos a existência de um desejo atribuído ao que ganha espaço nas mídias. Existem muitos outros modelos, mas todos aparentam estar vinculados a um produto da beleza contemporânea.

Versando sobre o uso de aplicativos de relacionamentos, tópico abordado como forma de ser atraída ou não por imagens veiculadas a internet, um dos participantes foi sucinto:

“O que não é bonito na nossa concepção a gente pula” (GF-5 – grifo nosso).

O que caracteriza apenas um tipo: o que agrada apenas o visual, deixando claro que a imagem passa a ser fator preponderante nas relações e que há grande procura por modelos típicos de beleza contemporânea.

Evidenciamos, a partir das análises dos dados que há a busca pelo bem estar individual e, ao mesmo tempo, por reconhecimento de uma aceitação coletiva, e estas são pautadas pelo desejo de atrair recompensas positivas que se guiam por símbolos e formas de se viver em sociedade. Para Vigarello (2006, p. 195), essa necessidade cada vez mais comum na vida das pessoas é também considerada como uma finalidade pela sua “busca interminável instalada no coração de nossas sociedades, ideal oferecido também como acessível e obrigatório”.

Os entrevistados apresentam uma dependência do julgamento do outro para se sentirem inseridos na sociedade, e esse julgar marca uma era em que a aparência define quem somos, como se apenas ela importasse na maioria das vezes. O debate sobre questões pertinentes aos padrões contemporâneos de corpo são essenciais para pensarmos caminhos que permitam um maior conhecimento do papel dos indivíduos enquanto membros de um grupo, e ainda, desmistificar o papel influenciador das mídias na formação de identidades. Serra e Santos (2003, p. 701) nos revelam a importância de trazer para debate assuntos sobre os aspectos que envolvem o corpo em sua totalidade. Assim: “informar e orientar adolescentes em relação aos seus hábitos alimentares é um desafio que se impõe àqueles que acreditam que o corpo pode e deve ser pensado em suas múltiplas dimensões, não se restringindo a padrões modulares estéticos”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário diagnosticado no trabalho nos sugere cautela. Ao tramitarmos sobre discursos acerca do corpo, proporção que tem tomado e caminhos que tem trilhado, supomos um futuro de incertezas sobre ele, que, somados ao seu atual momento em que é usado como uma espécie de produto à venda, nos guia para um prognóstico bem sombrio.

No passado, o corpo pouco explorado era tido como um depósito da alma, atualmente galga um espaço tão privilegiado na vida que passa a ser ele, o principal responsável pelas qualidades atribuídas aos indivíduos.

Cientistas atuais afirmam que o processo de globalização e com ele as novas tecnologias enfraqueceram os órgãos formadores de identidades, como família, trabalho, religião, logo, o novo da sociedade se dá então na busca pelo corpo do sucesso, instigado pela adoração do seu “eu” que é requisitado como sinônimo de prazer.

O grupo focal serviu para uma constatação: estamos sim, tentados a seguir a aparência da moda numa forma de condenação consentida, como se a mesma fosse unilateral e vinculada a modelos de beleza atuais, onde percebemos por meio dos discursos dos pesquisados que a mesma assume papel de grande importância no convívio social, sendo importante instrumento na opinião dos alunos para atrair conquistas profissionais e pessoais, cuja forma e valor se vê associada, disseminada e esculpida em rostos e belas formas. A principal virtude concebida deixa de ser somente a moral, passando também a estar atrelada a qualidade de vida e corpos esbeltos fruto de uma beleza fabricada.

Os alunos na grande maioria das indagações mostraram preocupações com sua estética e as atrelaram ao sucesso e ao prazer. Versaram sobre o preconceito contra o corpo que não se adequa aos quesitos da moda. Relataram sobre o fazer *bullying* e o julgamento atrelado a aparência nas rodas sociais.

Ficou nítido que os entrevistados buscavam seu espaço na moda, a aprovação dos outros e as associaram a maneiras de se ter felicidade e gozo.

A felicidade plena sempre foi motivo de busca, e no cenário atual ela está nas entranhas do físico, associada frequentemente a desejos narcísicos de saúde, paz e sucesso atrelados ao corpo. Tanto o grupo, quanto os resultados do trabalho no geral mostraram que a idealização de uma vida feliz, mais do que ter um corpo e uma beleza, está intimamente condicionada à aprovação do outro. Essa aprovação é presenciada quando constatamos promessas de alcance através da concretização dos rituais de beleza exigidos pelo corpo da moda e quando observamos uma manutenção do desejo de possuí-lo quando há uma insatisfação no rebaixamento e fragilidade dos sujeitos em relação ao corpo quando o mesmo não agrada.

Diante da prerrogativa de um investimento no corpo, os pesquisados foram condizentes ao relatar um padrão físico ideal. O que nos leva a crer que a notória busca pelo modelo de corpo faz tanto o prazer como a paixão pela própria imagem um elo que parece nos limitar aos discursos das agências de publicidade.

Sob justificativa de saúde e qualidade de vida estas promovem um verdadeiro show. Nomeiam astros e estrelas: pessoas simples, mas com aparências capazes de despertar interesses. E como todo show, uma repleta plateia com legiões de fãs que atualmente acompanham, através de sites, jornais, revistas, os gostos e *hobbies* dos seus ídolos, e procuram se espelhar em imagem e semelhança; ao menos nos acessórios e vestimentas.

Essa nova forma de seguir famosos só é possível pelos veículos de tecnologias da informação, principal vetor da era moderna (ou pós-moderna para alguns estudiosos), capaz de criar um canal próprio e particular do fã com o ídolo.

O consumismo voraz tem levado toda uma geração ao desejo de possuir objetos que enraizados de promessas difundidas pelas propagandas, promovem um sentimento de ostentação para os que conseguem adquiri-lo. Em contraste, aos que não conseguem, restam-lhes sonhos frustrados.

O corpo se encaixa perfeitamente como um desses alvos do consumismo, pois junto com ele inúmeras ferramentas da mídia podem ser acopladas. Com o crescimento da vontade de possuir disseminada pela fama, a servidão pela moda do momento, dita, com suas tendências, maneiras de ser e se comportar na atualidade. E no momento, sem dúvidas esse consumismo parece estar no corpo sarado.

Um corpo sarado repleto de músculos (enrijecidos e bronzeados) apresenta tamanho potencial que pode ser capaz de transformar um ser “normal” em nova celebridade. Com o movimento da boa forma, os exercícios físicos conquistaram a todos. Sob prerrogativas modernas, como as *hashtags*: #ficargrande, #força, #fé e #foco e similares, as publicidades atuam nos corpos e os exercícios físicos, ganhando um reforço que multiplicaram seus adeptos.

Segundo os entrevistados, a maioria realiza alguma prática física, contudo atrelada a estética. O que demonstra certa tendência dos exercícios físicos não mais atrelados somente ao fator saúde, mas sim, e muito mais, advindo do apelo estético e dos resultados nos corpos que essa prática pode proporcionar. O grupo mostrou consciência da importância dos exercícios físicos como fator de promoção de saúde, mas também dialogaram bem com essa inovadora relação de ser a ferramenta formadora do corpo do sucesso. Ao falarem das academias de ginástica trouxeram conceitos atrelados a transtornos relacionados à imagem corporal e citaram exemplos de pessoas que se perderam devido à ilusão pela aparência que sempre se coloca aquém ao que deseja. A necessidade de ser ativo, de se exercitar, os exercícios físicos, as dietas fazem parte de um manual da boa forma que cria falsas necessidades nos indivíduos.

O preconceito sobre o corpo que não se adéqua e o olhar de julgamento ocorre a todo o momento. O grupo foi enfático ao revelar que fazem sempre esse tipo de julgamento. E que buscam nos seus relacionamentos pessoas cuja aparência visual seja agradável. Citaram exemplos e características distintas da pessoa ideal. O curioso é que todos os exemplos do corpo do sucesso citados são frutos da fama difundida pela mídia (anexo A), que bombardeiam nossos olhos com imagens “perfeitas” e com luxos ao entorno.

Pensar o corpo é antes de tudo analisar a sua construção e dialogar com ele através do tempo. Analisando o presente, fatalmente percebemos que o futuro do corpo aparenta estar exposto. Com a visibilidade do corpo, nada mais é escondido, está tudo claro e ao mesmo tempo transparente: claro por demonstrar onde se quer chegar e transparente por não nos deixar dúvidas quanto a esse fim estético.

Os corpos do futuro não surgirão ao acaso. E podem sim sofrer recusa dos formatos impostos, quando o homem, por exemplo, se voltar contra os determinismos impostos pelas cartilhas do poder que limitam a todos apenas a um formato e modo de vida feliz. Alguns discursos dos alunos deixaram essa impressão, já que em alguns casos mostraram-se bem lúcidos sobre o grande interesse que o corpo desperta no cotidiano.

Buscando responder a perspectiva de partida para a pesquisa, acabamos por nos fazer mais indagações sobre as gerações futuras. Os indivíduos estão tão interessados no corpo da moda e do sucesso, que já é visível a dimensão em escala mundial dos efeitos da influência do modelo para os indivíduos.

Pensando no futuro do corpo, várias hipóteses podem nos remeter. Com a crescente descaracterização do ser humano dotado de habilidades inatas, percebemos uma constante “viralização” de modelos ancorados em apetrechos da moda.

O corpo do futuro/hoje precisa ter uma marca. Praticamente como uma necessidade imposta para ser aceito. Essa marca pode ser uma tatuagem, um *piercing* no umbigo, uma roupa para a prática de exercícios físicos, um tipo de penteado ou até uma marca que agregue valor.

O corpo quer ser jovem, ele deseja isso. Não quer sofrer a degradação da idade e os efeitos do envelhecimento. Em busca de parar o tempo, tudo que resta é correr atrás, mas sempre em atraso e de forma angustiante do corpo da moda. Até, é claro, chegar à velhice e sermos convencidos a assumir outra identidade, a da terceira idade.

E para o corpo da terceira idade parecer jovem há um cartel de ferramentas variando de exercícios físicos, cremes antienvelhecimentos, aplicações de *botox*, implantes dentários e capilares a cirurgias plásticas. De novidades ao gosto da grande massa social, basta apenas que um astro da moda recomende. E pronto, cai na popularização e a velocidade em que é usado é espantosa.

Para analisar os limites que o saudável ou doentio pode chegar através dessa busca cega pelos desejos de permanecer jovem, basta analisamos o potencial engendrado nas modernas tecnologias que colocam os computadores como nossos representantes nas rodas sociais e nele uma imagem de nossa aparência escondendo as imperfeições e valorizando nossos atributos corporais de maior valor na sociedade. É preciso tecer considerações acerca desses limites.

Adentrando no quesito dos limites da ética humana compreendemos que o corpo caminha para fins desconhecidos e perigosos. Com os acontecimentos sociais a passagem que demarca o corpo como alvo e objeto do poder, diagnosticado por Foucault, nos fazem pensar em possíveis modos de resistir a essa imposição estimuladora e sem recuos do poder. Foucault versa em seus escritos que onde há poder há também resistência, sendo então inegável a proposta de se pensar em meios para galgar uma possível revolta.

Uma saída a se pensar como forma de resistência, seria numa visão mais filosófica, que parta da constatação, para após ir além, numa espécie de provocação.

Um refúgio contra as imposições constatadas estaria no campo da busca de outros estímulos, que fugissem aos padrões impostos. Contudo, será que esse novo gozo não poderia estar associado a um novo formato do poder, já que para Foucault (1982) “na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares”.

Chegamos ao “pleno auge do ‘culto ao corpo’, o que é exatamente isso que tanto veneramos? Apesar de todos os avanços, das lutas e das libertações que soubemos conseguir, em pleno século XXI, nossos corpos ainda são acusados de serem impuros e malditos” (SIBILIA, 2013, p. 102). Segundo as idéias de Foucault acerca do controle estímulo o corpo numa tentativa falsa da felicidade, que é prevista pelos mecanismos de controle. Assim, poderíamos esperar desse corpo uma autonomia?

Ortega (2008, p. 49) é taxativo em sua conclusão ao afirmar que “sem a confiança em si mesmo e nos outros não pode haver ação, somente indivíduos reativos, adaptados, obedientes e submissos”. Já Miskolci (2006, p. 689) aponta que

problematizar a relação estabelecida com o mundo, com o outro e consigo mesmo parece, assim, condição fundamental para que se possam abrir novas saídas mais positivas e mais saudáveis para o exercício da liberdade e a invenção da vida.

Pensar numa resistência, um controle inédito, uma vontade sem indução e influência de um modelo estético de beleza só se fará possível quando desconstruirmos as representações sociais e culturais criadas em torno de um ideal tido como obrigatório. Assim, ao desvendar suas ações, o poder que antes era invisível torna-se vulnerável.

Analisando o passado dos corpos e como ele era posto de lado, numa forma de segundo plano, como um recipiente da alma, percebemos no seu evoluir e tomando como referência os escritos de Foucault (1982) que “o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo”.

Assim, poderíamos supor que esse mesmo investimento do poder poderia ser o responsável por criar novos recipientes para essa alma que se tornou secundária. Tal suposição não é retirada do acaso, já que o desejo de virtualizar o corpo ou de fazê-lo como máquina robô acopladas a tecnologias já é presente. Indaguemos: até que ponto seres humanos serão condizentes com essa transformação dinâmica do corpo? Será que um dia haverá cansaço dessa invasão de privacidade contra nossos corpos?

Há, portanto, necessidade de darmos prosseguimento a estudos que envolvam a temática de corpo, que criem diálogos com a percepção atual e com a futura. E que indiquem, caminhos de tratamento para transtornos relacionados à imagem corporal. Sem dúvidas um grande problema de saúde pública, tamanha preocupação com a aparência no cenário mundial e constatada, também, na pesquisa, fruto de uma distorção que, em alguns casos, culminam em óbitos.

Já é visível que “o impacto do espetáculo sobre o sujeito, apesar de nefasto, não impede o surgimento de ações e reações contra-alienantes” (COSTA, 2005, p. 230). Assim, talvez o caminho esteja nessa epidemia presente da formação de corpos iguais. Quando todo mundo for igual, o corpo perfeito não terá mais função e gradativamente será criado um novo modelo de corpo. A curiosidade estaria na pergunta, qual seria este novo corpo? De que será formado? O quanto de cibernético e artificial este corpo será composto? Qual seria o prazo de validade média desse novo corpo criado pelas tecnologias? São perguntas que em breve, muito breve teremos respostas...

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, J. Fazer Monografia é Moleza: o passo a passo de um trabalho científico. 2ª edição, Wak Ed. RJ, 2008.
- ALBINO, B.; VAZ, A. F. “O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma”. Movimento, Porto Alegre, v. 14, 2008, p. 199-223.
- ALMEIDA, Renato Souza de. “A Experiência Social do Grupo de Jovens”. In: Mundo Jovem: um jornal de idéias. Editora da PUCRS. Porto Alegre. Ano 48, nº403, fevereiro/10. 2010. p.16.
- AZEVEDO, A. P.; Ferreira, A. C.; Silva, P. P. Da; Caminha, I. O. ; Freitas, C. M. Dismorfia muscular: a busca pelo corpo hiper musculoso. Motricidade, Janeiro-Mar.,v.8, 2012. p.53-66.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: edições 70, 1998. 226 p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. “A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão.”Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.
- BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- CARRARA, Sérgio ET. AL. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade, V.1. CEPESC: Brasília. DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. 126p. A
- CARRARA, Sérgio ET. AL. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade, V.2. CEPESC: Brasília. DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. 100p. B
- CARRARA, Sérgio ET. AL. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade, V.6. CEPESC: Brasília. DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. 107p. C.
- CARRETEIRO, T. C. “Corpo e contemporaneidade”. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.11, n.17, jun. 2005, p. 62-76.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura Americana do corpo. In: Sant’Anna, Denise Bernuzzi. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.p. 81-114.
- COSTA, Jurandir Freire. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 244p
- COSTA RS, HEILBORN ML, WERNECK GL, FAERSTEIN E, LOPES CS. Gênero e prática de atividade física de lazer. Cad. Saúde Pública 2003; 19.(Supl2): S325.
- COUTO, E. S. “Corpos dopados. Medicalização e vida feliz”. In: RIBEIRO, P.; SILVA, M., GOELLNER, S. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: Composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009, p. 43-53.
- CRUZ, P. P.; FONSECA, O. A.; NILSON, G.; PARDO, E. R.. “Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude”. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. Agosto. 2008. 8p
- CRUZ NETO, Otavio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. “Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de

Investigação”. In: Encontro da associação brasileira de estudos populacionais, 8, 2002, Anais... Ouro Preto, 2002. 26p. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2015.

DAOLIO, J. A Antropologia social e a Educação Física: Possibilidades de encontro, in: CARVALHO, Y. M. e RUBIO, K. *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

DIAS, M. H. Sobre o Esporte de Alto Rendimento Reflexões a partir da Psicanálise e da Utopia. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Grande do Sul. LUME: Repositório Digital, Porto Alegre, 2009. p. 97.

DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. Foucault: do Poder Disciplinar ao Biopoder. Scientia. Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 2, p. 143-158, 2013.

DUARTE, R. “Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo”. Cadernos de Pesquisa, n.115, 2002. p. 139-154.

DUTRA, J. L. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?": A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda.” In: GOLDENBERG, M. (Org.). Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. v. 1. 359-411p.

FERREIRA, F. R. Cirurgias estéticas, discurso medico e saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v.16, Maio, 2011. p.2373-2382.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: Sant’Anna, Denise Bernuzzi. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.p. 69-80.

FOUCAULT, Michel. “Poder–corpo”. In: Machado, R. (Org.). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 145-152.

FOUCAULT, M. “Os recursos para o bom adestramento”. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 153-72.

FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.125-52.

FRAGA, A. B. “Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI”. In: Carmen, C. L. (Org.). Corpo e história. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 61-77.

GHIRALDELLI JR. P. *O corpo: filosofia e educação*. São Paulo: Ática, 2008.

GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. (Org.). Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. v. 1. 414p.

GOLDENBERG, M; RAMOS, M. S. "A civilização das formas: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, M. (Org.). Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. v. 1. 19-40p.

GOMES. M. E. ; BARBOSA. E. “A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos”. Publicação interna; 1999. Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-

6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf> Acesso em: 24 fev. 2015.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. “Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos”. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [on line]. 2002, vol.12, n.24, p. 149-161.

HEILBORN, Maria Luiza. “Entre as tramas da sexualidade brasileira”. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, n. 14, 2006. p. 43-59.

KEHL, Maria Rita. *As máquinas falantes*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 243-259.

LE BRETON. “Adeus ao corpo”. In NOVAES, Adauto (org). *O homem-máquina - A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

LE BRETON, David. *A Síndrome de Frankenstein*. In: Sant’Anna, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.p. 49-67.

LE BRETON, D. *Conduas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados; 2009.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. “A Utilização do Grupo Focal como Metodologia Qualitativa na Promoção da Saúde”. *Revista da Escola de Enfermagem USP* [on line]. 2001, vol.35, n.2, 115-121p.

MAIA, A. C. “Biopoder, biopolítica e o tempo presente”. In NOVAES, Adauto (org). *O homem-máquina - A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

MALYSSE, S. “Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpólatia carioca”. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. v. 1. 79-137p.

MARTINS, H. T. S. “Metodologia Qualitativa de Pesquisa”. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: 2004. p. 289- 300.

MELUCCI, Alberto. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. *Revista Young*. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

MISKOLCI, Richard. “Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência”. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n. 3, dez. 2006, p. 681-693.

NOVAES, Adauto (org). *O homem-máquina - A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003, 370 pgs.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond; 2008. 256 pp.

PEREIRA, Angélica Silvana. “A moda e as culturas juvenis.” In: *Mundo Jovem: um jornal de idéias*. Editora da PUCRS. Porto Alegre. Ano 48, nº408, julho/10. 2010. p.02.

PEREIRA, M. Jr.; CAMPOS, W. Jr.; SILVEIRA, F. V. Percepção e distorção da auto-imagem corporal em praticantes de exercício físico: a importância do exercício físico na imagem corporal. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, São Paulo. v. 7. n. 42, 2013. p. 345-352.

PINHO, L. C. “A era dos corpos disciplinados”. *Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ*, v. 1, on line, 2008, p. 52-56.

RIBEIRO, P.; SILVA, M.; GOELLNER, S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: composição e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009.

REVISTA EDUCAÇÃO. Foucault pensa a Educação, São Paulo, 1º mar. 2007.

SABINO, C. “Anabolizantes: Drogas de Apolo”. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. v. 1. 139-188p.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: Sant’Anna, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

SANT’ANNA, D. B. “É possível realizar uma história do corpo?”. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e história*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, v.1. p. 3-23.

SAYÃO, M. N. *As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo*. 2014. 291 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014, 294p.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, P. 71-99, jul./dez. 1995.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. dos. *Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito*. *Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 8, n. 3, 2003. p.691-701.

SIBILIA, P. “O corpo modelado como imagem: O sacrifício da carne pela pureza digital”. In: RIBEIRO, P.; SILVA, M., GOELLNER, S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: Composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009, p. 33-41.

SIBILIA, P. “O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice”. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 2013.v.9, p. 83- 114.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. “Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação”. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SOARES, C. L. “Corpo, Conhecimento e Educação: notas esparsas”. In: Carmen Lúcia Soares. (Org.). *Corpo e história*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 109-129.

SOARES, C. L. “Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte”. In: Rago, M.; Veiga-Neto, A. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 75-83.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. “Juventude e Contemporaneidade: possibilidade e limites.” *Última Década* Nº20, cidpa Viña Del Mar, Junio 2004, pp.47-69.

TOLENTINO, T.M.; ASSUMPCÃO, L.O.T. *Corpo, mídia e sociedade: O caso da revista "Corpo a Corpo"*. *Motricidade*, v. 8, n. Supl. 2, 2012. p. 779-786.

VAZ, A. F. “Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin”. In: Carmen Lúcia Soares. (Org.). *Corpo e história*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, v. , p. 43-60.

VAZ, A. F. “A Construção dos corpos no esporte”. *Revista Estudos Feministas*, v.19, Set., 2011.p. 849-851.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VITELLI, C. “Corpos e ‘modelos’ de masculinidades: O foco nas mídias”. Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia, Maio - Ago., v.19, 2012. p.355.

WELLAUSEN, S. S. “Os dispositivos de poder e o corpo em Vigiar e punir”. In: Rago, M.; Martins, A. L. (Orgs.). Revista Aulas. Dossiê Foucault. Campinas, SP, n. 3, dez. 2006/mar. 2007, p. 1-23.

WITT, J. da S. G. Z.; SCHNEIDER, A. P. Nutrição Estética: valorização do corpo e da beleza através do cuidado nutricional. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.16, n. 9, 2011. p. 3909-3916.

8. APÊNDICE



APENDICE A- ROTEIRO DE DEBATE NORTEADOR DO GRUPO FOCAL

QUESTÃO CHAVE I - Desejos na estética corporal ()

- 1- Considerando a afirmativa de que existe na atualidade um “modelo” de corpo, vocês concordam? Se sim, quais atributos o compõem? ()
- 2- Como percebem seus corpos? ()
- 3- Quais cuidados realizam ou realizariam nos seus corpos? Se não realizam, por quê? ()

QUESTÃO CHAVE II - Saúde ou doença: o corpo como instrumento enraizado de significados ()

- 1- Quais sacrifícios fariam para ter o corpo perfeito (Dietas, procedimentos estéticos, atividade física, academia de ginástica, etc.) ()
- 2- Como vocês relacionam esse modelo de “corpo perfeito” com a questão da saúde? Estão em sincronia? ()

QUESTÃO CHAVE III - Beleza corporal e sua relação com o convívio social ()

- 1- Já presenciaram ou sofreram atos preconceituosos/*bullying* relacionados ao tipo físico? ()
- 2- Vocês acham que ter um “corpo ideal” favorece as relações sociais? Como? ()

QUESTÃO CHAVE IV – Exercícios físicos e seus objetivos na prática regular ()

- 1- Vocês praticam exercícios físicos regularmente? Com que objetivos? ()

QUESTÃO CHAVE V - Impressões finais, comentários e pontos importantes não abordados na visão dos estudantes ()

- 1- Espaço Livre ()

Observação (Subdivisão de tempo por questão): Cada uma das 8 (oito) questões terão 15 minutos de duração para debate. A QUESTÃO CHAVE V terá 1 (um) minuto para cada participante se expressar.



APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO

1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa
Título do Projeto: A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA VISÃO DE ALUNOS DO CTUR
Coordenador do Projeto: Cláudio Oliveira da Gama
Orientador: Prof. Amparo Villa Cupolillo
E-mail de contato: claudiogama@hotmail.com
Telefone: (21) 981338291

2- Informações ao participante ou responsável

- a. Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo analisar comportamentos e praticas dos alunos relacionadas a estética da aparência.
- b. Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre a entrevista a ser realizada ou questionário a ser respondido.
- c. Você poderá recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante a atividade, você poderá se recusar a responder a qualquer pergunta que por ventura lhe cause algum constrangimento.
- d. A sua participação, como voluntário, não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a Vossa Senhoria.
- e. A sua participação não envolverá qualquer risco.
- f. Serão garantidos o sigilo e a privacidade, sendo reservado ao participante o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.
- g. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2015.

Nome completo do participante: _____

Assinatura do participante: _____



APÊNDICE C - CARTA DE ANUÊNCIA

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2015.

Ilmo. Senhor (a) _____

As soluções dos atuais empecilhos da educação brasileira só serão alcançados quando tivermos atingido um amadurecimento e formalizado conhecimentos na área.

Por isso pesquisas na área de Educação contribuem com soluções a médio e longo prazo. Entretanto, nada pode ser realizado nesse sentido sem devido conhecimento, análise e documentação da realidade prática.

Desta forma, realizamos esforços de pesquisa junto às instituições de ensino.

Solicitamos, então, a sua colaboração no sentido de autorizar a aplicação de instrumentos nas aulas do Colégio Técnico da Rural (CTUR/UFRRJ) em 2015 da pesquisa intitulada: A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA VISÃO DE ALUNOS DO CTUR a ser realizada pelo *aluno de pós-graduação Cláudio Oliveira da Gama*, sob orientação da *Prof. (a) Dr. (a) Amparo Villa Cupolillo*, ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Este trabalho terá seus resultados divulgados de forma agregada. Oportunamente enviaremos para VSa. As informações individuais prestadas, entretanto, serão consideradas estritamente confidenciais.

Cordialmente,

Cláudio Oliveira da Gama
Mestrando (UFRRJ)

Amparo Villa Cupolillo
Orientadora (UFRRJ)

Aceite da instituição pesquisada



APÊNDICE D–TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa
Título do Projeto: A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA VISÃO DE ALUNOS DO CTUR
Coordenador do Projeto: Cláudio Oliveira da Gama
Orientador: Prof. Amparo Villa Cupolillo
E-mail de contato: claudiogama@hotmail.com
Telefone: (21) 981338291

2- Informações ao responsável

- a. O menor, sob sua responsabilidade, está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo analisar comportamentos e praticas dos alunos relacionadas a estética da aparência.
- b. Antes de permitir ao participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre a entrevista a ser realizada ou questionário a ser respondido.
- c. Você poderá recusar o menor de participar da pesquisa que poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante a atividade, o mesmo poderá se recusar a responder a qualquer pergunta que por ventura lhe cause algum constrangimento.
- d. A participação do menor, como voluntário, não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a Vossa Senhoria.
- e. A participação não envolverá qualquer risco.
- f. Serão garantidos o sigilo e a privacidade, sendo reservado ao participante o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.
- g. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em autorizar o menor a participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2015.

Nome completo do participante: _____

Nome do responsável pelo participante: _____

Assinatura do responsável pelo participante: _____



APÊNDICE E – RECOMENDAÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO

A metodologia utilizada na pesquisa se baseia na técnica do Grupo Focal, que é definida como uma atividade grupal, com o intuito de coletar dados, partindo do diálogo aberto dos participantes e debates acerca de um tema específico.

Para a dinâmica em grupo é primordial que as informações abaixo sejam observadas para o bom andamento da pesquisa:

- 1- Todas as opiniões interessam e, portanto não existem boas ou más;
- 2- A coleta de informações é gerada através de debate e, para tal, serão valorizados todos os pontos de vista, impressões, visões e concepções de mundo;
- 3- Só uma pessoa fala de cada vez;
- 4- Devem-se evitar discussões paralelas;
- 5- Todos têm o direito de se manifestar com o que pensam;
- 6- Todos devem participar;
- 7- Após o fim das perguntas, cada participante terá um minuto para manifestar suas impressões finais, com comentários sobre o que acharam do grupo focal, mencionando pontos que, por ventura, não foram abordados e que julguem importantes;

Atenciosamente.

Cláudio Oliveira da Gama
Mestrando do PPGA / UFRRJ

APÊNDICE F – Assinatura de Anuência



CARTA DE ANUÊNCIA

Rio de Janeiro, 26 de OUTUBRO de 2015.

Ilmo. Senhor (a) RICARDO CRIVANO ALBIANI

As soluções dos atuais empecilhos da educação brasileira só serão alcançados quando tivermos atingido um amadurecimento e formalizado conhecimentos na área.

Por isso pesquisas na área de Educação contribuem com soluções a médio e longo prazo. Entretanto, nada pode ser realizado nesse sentido sem devido conhecimento, análise e documentação da realidade prática.

Desta forma, realizamos esforços de pesquisa junto às instituições de ensino.

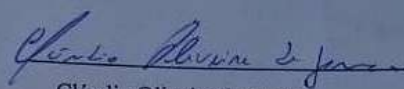
Solicitamos, então, a sua colaboração no sentido de autorizar a aplicação de instrumentos nas aulas do Colégio Técnico da Rural (CTUR/UFRRJ) em 2015 da pesquisa intitulada: A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES CONTEMPORÂNEOS DE CORPO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA VISÃO DE ALUNOS DO CTUR a ser realizada pelo aluno de pós-graduação Cláudio Oliveira da Gama, sob orientação da Prof(a). Dr(a) Amparo Villa Cupolillo, ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

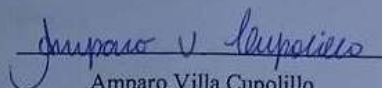
Este trabalho terá seus resultados divulgados de forma agregada. Oportunamente enviaremos para VSa. As informações individuais prestadas, entretanto, serão consideradas estritamente confidenciais.

Cordialmente,



Cláudio Oliveira da Gama

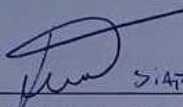
Mestrando (UFRRJ)



Amparo Villa Cupolillo

Orientadora (UFRRJ)

MATC: 1122299



SIATE: 00387012

Aceite da instituição pesquisada

VICE DIRETOR

9. ANEXOS

ANEXO A: MODELOS MASCULINOS E FEMININOS CITADOS PELO GRUPO FOCAL



Figura 4:Caio castro (ator – 26 anos)
Fonte: <http://vejario.abril.com.br>



Figura 5: Reinaldo Gianechini (ator e modelo – 43 anos)
Fonte: <http://www.ofuxico.com.br>



Figura 6: Cristiano Ronaldo (jogador de futebol internacional – 30 anos)
Fonte: <http://atl.clicrbs.com.br>



Figura 7: Paola oliveira (atriz – 33 anos)
Fonte: <http://www.areah.com.br>



Figura 8: Taís Araújo (atriz -37 anos)
Fonte: <http://colunas.revistaepoca.globo.com>



Figura 9: Mikaela Reis (atriz e modelo internacional – 27 anos)
Fonte: <http://www.nairaland.com>